

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE
CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - PRODUÇÃO EDITORIAL**

Daiane Teresa Bedin

**ENTRE CORPOS, CICLOS E TABUS:
ANÁLISE DE UMA COMUNIDADE VIRTUAL**

**Santa Maria, RS
2017**

Daiane Teresa Bedin

**ENTRE CORPOS, CICLOS E TABUS:
ANÁLISE DE UMA COMUNIDADE VIRTUAL**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Comunicação Social – Produção Editorial, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Bacharel em Comunicação Social – Produção Editorial**.

Orientadora: Dra. Sandra Depexe

Santa Maria, RS
2017

Daiane Teresa Bedin

**ENTRE CORPOS, CICLOS E TABUS:
ANÁLISE DE UMA COMUNIDADE VIRTUAL**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Comunicação Social – Produção Editorial, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Bacharel em Comunicação Social – Produção Editorial**.

Aprovado em 12 de dezembro de 2017:

Sandra Depexe, Dra. (UFSM)
(Presidente/Orientadora)

Lúcia Loner Coutinho, Dra. (UFSM)

Fernanda Scherer, Me. (UFSM)

Santa Maria, RS
2017

AGRADECIMENTOS

A jornada para a realização deste trabalho foi longa e cheia de percalços. Agradeço, primeiramente, meus pais Rita e Valdemar, por todo o suporte emocional, financeiro e por acreditarem em mim desde o primeiro momento em que resolvi morar em Santa Maria. Pelo amor e os cuidados que sempre tiveram, hoje posso dizer que juntos entregamos este trabalho de conclusão de curso. Cada palavra escrita neste trabalho tem como pano de fundo a confiança e amor de vocês. Aos meus irmãos, Katiele e Rony, por constituírem a base familiar, pelos exemplos e pelas palavras.

Agradeço aos amigos e amigas que se fizeram presente durante toda minha graduação, amigas e amigos que levarei no coração por toda minha vida. Muito obrigada a todos que dedicaram seu tempo e seus afetos, pois a Daiane de hoje é inteiramente diferente daquela que chegou no primeiro semestre de 2013.

Agradeço a minha família de Santa Maria: Edo e Marlowa. Com certeza esse caminho teria sido muito mais difícil sem vocês, sem o amparo, o carinho, o abraço e a certeza que tudo ficaria bem.

À minha orientadora, Sandra, por todo o carinho, a paciência e por ser tão maravilhosa no que faz.

Agradeço cada professor e professora, e aos profissionais com que trabalhei ao longo destes cinco anos.

À UFSM, por ser a minha segunda casa e proporcionar muito mais do que ensino público e de qualidade, mas vivências que me permitiram crescimento pessoal e profissional.

RESUMO

ENTRE CORPOS, CICLOS E TABUS: ANÁLISE DE UMA COMUNIDADE VIRTUAL

AUTORA: Daiane Teresa Bedin
ORIENTADORA: Dra. Sandra Depexe

A presente pesquisa apresenta uma análise de temáticas consideradas tabus na sociedade, através de discursos provenientes de espaços de discussão na rede social Facebook, entendida neste trabalho como uma comunidade virtual. A comunidade pesquisada é criada, gerenciada e destinada a mulheres maiores de 18 anos. Foram selecionadas categorias referentes às temáticas de corpo, menstruação e sexo/sexualidade. A comunidade foi analisada entre março e agosto de 2017, baseando-se em técnicas etnográficas propostas por Christine Hine (2000) e em análise de conteúdo segundo Laurence Bardin (2011), além de conceitos trazidos por Raquel Recuero (2009) no que tange a área das redes sociais. Os resultados encontrados indicam a articulação para a discussão de assuntos sensíveis e pessoais considerados tabus em locais de cunho privado; esse local, como sendo a comunidade virtual, é um espaço de tensionamento entre a reafirmação de discursos de senso comum e ao mesmo tempo de quebra de tabus.

Palavras-chave: Tabu. Mulheres. Comunidade virtual. Facebook.

ABSTRACT

BETWEEN BODIES, CYCLES AND TABOOS: AN ANALYSIS OF A VIRTUAL COMMUNITY

AUTHOR: Daiane Teresa Bedin

ADVISOR: Dra. Sandra Depexe

The following research presents an analysis of the topics considered taboos in society through discourses of spaces of discussion in the social network Facebook, understood in this work as a virtual community. The researched community is created, managed and aimed at women over 18 years old. We selected categories related to the themes of body, menstruation and sex / sexuality. The community was analyzed between March and August 2017, based on ethnographic techniques proposed by Christine Hine (2000) and content analysis according to Laurence Bardin (2011), as well as concepts presented by Raquel Recuero (2009) regarding the area of social networks. The results indicate the articulation for the discussion of sensitive and personal subjects considered taboos in private places; this place, as the virtual community, is a space of tension between the reaffirmation of common-sense discourses and, at the same time, a breaking of taboos.

Keywords: Taboo. Women. Virtual Community. Facebook.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Pesquisa na plataforma Google	20
Figura 2 –	Dúvidas sobre o ciclo menstrual respondidas por especialista	21
Figura 3 -	Postagem sobre insatisfação com o corpo	35
Figura 4 -	Postagem sobre relato de aceitação do corpo	37
Figura 5 -	Compartilhamento de textos para aceitação do corpo	39
Figura 6 -	Postagem sobre a nudez entre parceiros amorosos	40
Figura 7 -	Dúvida sobre o uso de absorvente	41
Figura 8 -	Ajuda sobre fluxo menstrual intenso	42
Figura 9 -	Libido em mulher grávida	43
Figura 10 -	Dicas de masturbação	44
Figura 11 -	Relato de masturbação	45
Figura 12 -	Indicação de produtos eróticos	46
Figura 13 -	Experiências com produtos eróticos	47

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Tipos de laços e tipos de interação	25
Quadro 2 –	Tipos de laços e tipos de interação no Facebook	25
Quadro 3 -	Comunidades selecionadas na primeira fase da pesquisa	28
Quadro 4 -	Anotações de campo	29
Quadro 5 -	Postagens por mês e total geral	31
Quadro 6 -	Descrição das etapas da pesquisa por data	33
Quadro 7 -	Categorias e subcategorias de análise	34

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
2. ESFERAS ÍNTIMAS E TABUS	14
2.1. CONSIDERAÇÕES SOBRE O PÚBLICO E O PRIVADO.....	14
2.2. CONCEPÇÕES SOBRE CORPO E SEXUALIDADE.....	16
2.2.1. Ciclo menstrual: tabu e mistério do sangue	19
3. REDES E DISCURSOS	22
3.1. DIÁRIO AO FACEBOOK.....	26
4. CAMINHOS METODOLÓGICOS	28
4.1. GRUPOS DO FACEBOOK: FONTES PARA PESQUISA.....	28
4.2. TÉCNICAS ETNOGRÁFICAS.....	31
4.3. MÉTODO DE ANÁLISE DE DADOS.....	33
5. ANÁLISE	35
5.1. CORPO.....	35
5.1.1. Síndrome da meia luz: insegurança	35
5.1.2. Luz acesa, corpo a mostra: aceitação	37
5.2. MENSTRUÇÃO.....	40
5.2.1. Melhor ou pior: coletor menstrual	41
5.3. SEXO E SEXUALIDADE.....	43
5.3.1. Secas e molhadas: libido	43
5.3.2. Um chuveirinho não faz mal a ninguém: a masturbação feminina	44
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	52

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como temática os sentidos que envolvem o corpo, a menstruação e sexualidade feminina, discutidos em comunidades virtuais¹, bem como a construção desses sentidos pelos discursos das participantes. Aproximando-se de estudos e conceitos feministas e das perspectivas dos Estudos de Gênero, o trabalho entende que o corpo feminino é condicionado a padrões e interesses de cunho social, cultural e econômico, e que tais padrões são responsáveis pela relação da mulher com seu corpo, um corpo marcado pela censura, na qual fala-se dele, porém ele se cala (PERROT, 2003, p. 13).

Ao compreendermos o silêncio do corpo feminino, encontramos variáveis que sofrem o mesmo tipo de repressão: o ciclo menstrual e a sexualidade feminina. A menstruação, em uma perspectiva biológica, está relacionada diretamente com o sistema reprodutor feminino, e consequentemente, a reprodução da espécie humana. Ao investigarmos as abordagens sociais e culturais, a menstruação é envolta de ritos, crenças e atitudes; considerada por muito tempo como doença, ainda é falada sob sussurros, sendo tratada com expressões como “estar nos dias”. As metáforas que nomeiam o ciclo menstrual da mulher são os resquícios de uma sociedade que acreditava que o corpo da mulher era diabolizado, assim como seu útero, secreções e pelos (PRIORE, 2011). Até o século XIX, a menstruação era observada de um senso comum, sendo considerada doença e até mesmo sintoma do que os médicos chamavam de “histeria feminina”².

Para além do ciclo menstrual, a sexualidade feminina também foi fortemente reprimida nos séculos passados. Decência e pudor eram consideradas “qualidades” que as mulheres deveriam possuir, e o “prazer feminino era ignorado pela medicina, por muitos homens e até por muitas mulheres” (PRIORE, 2011). A “libertação” sexual só chega no século XX, pelo surgimento da pílula anticoncepcional e as ondas do movimento feminista que buscavam maiores direitos para as mulheres.

Neste sentido, falar e vivenciar a sexualidade, os usos do corpo e do discurso são considerados atos que interferem na moralidade social, causando desconforto, evocando mitos

¹ O termo segue a definição de Howard Rheingold (1996): comunidade virtual é uma associação cultural sistematicamente formada por participantes no ciberespaço, no qual compartilham interesses, metas e apoio mútuo, através das interações *online*.

² De acordo com Soter (2015): “Esse diagnóstico era frequentemente utilizado para patologizar reações emocionais legítimas de mulheres (raiva, medo, “desobediência”, reações que eram socialmente indesejáveis em mulheres, que deveriam ser submissas, calmas e pacíficas), e também para desmerecer transtornos reais (como de depressão ou ansiedade), atribuindo-os ao simples “ser mulher”.”

e crenças. Assim, um tabu pode ser considerado um termo que “designa objetos (coisas ou pessoas) investidos de um poder sagrado (ou impuro) considerado perigoso, que acarretam proibições rituais, que o profano não tem o direito de transgredir” (DUROZOI; ROUSSEL, 1993, p. 459). Dessa maneira, um tabu sexual, alimentar ou de higiene tende a ser tratado como algo perigoso, que não deve ser discursado a fim de preservar a moral e os costumes estabelecidos na sociedade.

Para fim de recorte do tema da pesquisa, buscou-se a aproximação de assuntos considerados tabus na sociedade, filtrados pelos que envolvem o corpo, menstruação e sexualidade. Nesse viés, questionam-se **quais sentidos expressos na comunidade virtual configuram tabus?**

Partindo de uma concepção de que todos os relatos presentes na comunidade fazem parte da construção de uma memória feminina, podemos comparar o ato de escrever e publicar ao de escrever em um diário, uma anotação pessoal que permanece no âmbito privado. Porém, ao ocorrer a interação com outras participantes, são produzidos sentidos que refletem experiências comuns entre as mulheres e seus corpos.

A comunidade pesquisada é um grupo secreto do Facebook - essa definição é dada pois o grupo não é visível para quem não está nele - destinado a mulheres cisgêneros e transgêneros, aceitando também homens transgêneros, para troca de informações, dúvidas e outros questionamentos sobre assuntos como relações pessoais, saúde, sexo e trabalho. Durante o trabalho de pesquisa, o grupo contava com 12.980 membros e as administradoras (ou moderadoras) são as responsáveis pela organização do grupo, conferindo postagens, adicionando novas participantes e analisando denúncias. Saliento que, neste trabalho, será utilizado um nome fictício – “Comunidade A” para manter a característica de ser um grupo seguro e secreto. O uso de grupos e comunidades virtuais ganhou visibilidade com a expansão da Internet e do uso de *smartphones*. A adaptação da Internet em meios como televisores, celulares e *tablets* massificou o seu uso, fazendo com que as plataformas digitais adentrassem a vida social e mais do que isso, fosse extensores das relações sociais estabelecidas entre os usuários.

Os temas tratados nesta pesquisa podem ser encontrados separadamente em outros trabalhos em comunicação e áreas afins, com ênfases e recortes diferentes. A fim de mapear os trabalhos desenvolvidos com essa temática, foram utilizadas as seguintes palavras-chave: tabu; menstruação; e sexualidade; utilizadas nos portais Portcom - Portal de Livre Acesso à Produção em Ciências da Comunicação e SciELO - Scientific Electronic Library Online. Ao

pesquisar a palavra-chave ‘tabu’ no portal Portcom, emergem trabalhos da área da Publicidade e Propaganda, que se propõem a analisar tabus de linguagem, sexo, idade e gênero. Ao utilizar a mesma palavra-chave no SciELO, encontram-se pesquisas que debatem tabus de todas as instâncias: alimentares, sexuais, entre outros.

Retornando ao portal Portcom, a pesquisa sobre ‘menstruação’ não teve nenhuma pesquisa encontrada. No SciELO, além dos temas na área da saúde, pesquisa-se a menstruação na área das Artes, nas Ciências Sociais e na Filosofia. Neste âmbito, cabe destacar a pesquisa *El ciclo menstrual en el siglo XXI. Entre el mercado, la ecología y el poder femenino*³ (FELITTI, 2016). A pesquisa busca analisar conceitos relativos ao gênero, sexualidade, saúde, espiritualidade e empoderamento feminino, utilizando-se do ciclo menstrual feminino como uma importante fonte de empoderamento e identidade feminina.

A pesquisa sobre ‘sexualidade’ é a que retorna mais resultados em ambos portais. Entre os principais temas de pesquisa estão: o sexo no cinema, identidade de gênero, relações na cibercultura e repressão sexual. Cabe destacar a pesquisa denominada “Silêncio e Vergonha: contracepção de emergência em drogaria do Rio de Janeiro” (PAIVA; BRANDÃO, 2017). A pesquisa busca analisar o processo de interação social entre funcionários e consumidoras da contracepção de emergência - popularmente conhecida como ‘pílula do dia seguinte’ -, explorando o caráter discriminatório em que implica a compra deste tipo de medicamento, reforçando a discussão sobre os direitos sexuais e reprodutivos da mulher. Também é importante ressaltar as pesquisas voltadas ao entendimento do mundo jovem, no que diz respeito à educação sexual da mulher na adolescência, e o tipo de mídia consumida por essas jovens. Nesse contexto, a pesquisa “Mulheres e homens jovens: gozos e interdições, poderes e desigualdades” (ADRIAO et al., 2017) se debruça sobre as relações de poder entre os modos e dinâmicas da sexualidade entre um grupo de jovens, identificando sentidos sobre condutas e expectativas em relação a sexualidade.

Assim, buscando entender a quantidade e a diversidade de temas que tratam a mulher nas suas esferas (corpo, menstruação e sexualidade) dentro de espaços midiáticos recentes, as redes sociais, percebe-se a necessidade do desenvolvimento da pesquisa dentro desses espaços, já que não foram encontradas pesquisas que sanem completamente a inquietação que motiva esse trabalho. A partir dessas considerações, o trabalho justifica-se pelo interesse em mapear as relações sociais femininas mediadas pelo uso do Facebook, considerando que a

³ Em tradução para o português: “O ciclo menstrual no século XXI. Entre o mercado, a ecologia e o poder feminino”.

plataforma virtual carrega consigo características que permitem a criação de laços entre as usuárias, de forma que possibilita a troca de informações e intimidades que não são exercidas em outros espaços de discussão. Além disso, a discussão e a publicação de assuntos ainda considerados tabus pela sociedade dentro de espaços como as comunidades virtuais, são passíveis de estudo enquanto a manutenção da memória feminina, registrada através de textos, fotos e interações.

Como objetivo geral, o trabalho busca analisar os tabus relacionados ao corpo, ciclo menstrual e sexualidade feminina, a partir das relações de fala e interação em um grupo online. Para a análise, se baseia nos seguintes tópicos:

- a. Identificar os discursos que configuram os tabus;
- b. Mapear os principais sistemas de tabus reproduzidos e/ou questionados dentro do espaço pesquisado;
- c. Analisar como a rede social se torna uma ferramenta que permite falar sobre tabus.

O desenvolvimento do trabalho se dá ao discorrer no primeiro capítulo sobre conceitos que abordam as definições de privado, sustentado pelas definições de Hannah Arendt, Zygmunt Bauman e Susan Okin. Neste capítulo também são trazidas concepções e discussões sobre a definição de corpo, discutidas por Davi Le Breton, Michelle Perrot e Graciela Natansohn, além de apresentar a menstruação como fator político e social, em debate com as proposições de Cecilia Sardenberg.

O segundo capítulo aborda noções sobre Internet e o desenvolvimento das redes sociais, com base nas reflexões de Manuel Castells sobre a sociedade em rede. Através dos conceitos de redes sociais, são apresentadas formas de interações entre os usuários, o desenvolvimento das relações entre eles e também com os próprios equipamentos e *softwares*. Para tais discussões, são utilizados conceitos propostos por Pierre Lévy e Raquel Recuero, bem como a definição de comunidade virtual discutida por Howard Rheingold.

A metodologia, apresentada no terceiro capítulo, tem base na proposta de etnografia nos ambientes virtuais, discutidas por Christine Hine. Neste capítulo também é apresentado o grupo em todas as suas instâncias: organização, regras, funcionamento e também detalhadas as formas de coleta de dados, além da apresentação do método de análise de conteúdo.

No capítulo de análise - o quarto - são apresentadas as categorias de análise: corpo, sexualidade e menstruação juntamente com os dados coletados e as considerações sobre cada tema de acordo com as teorias e discussões propostas nos capítulos. É importante salientar que, neste capítulo, a identidade de cada contribuinte será preservada.

2. ESFERAS ÍNTIMAS E TABUS

2.1. CONSIDERAÇÕES SOBRE O PÚBLICO E O PRIVADO

O primeiro registro que se tem sobre a designação da palavra “privado”, tem origem nas catalogações do dicionarista jesuíta Raphael Bluteau, na qual define como “uma pessoa que trata só de sua pessoa, de sua família e de seus interesses domésticos” (PRIORE, 2011, p. 14). A noção de privado era associada com a ideia de que o mesmo dizia respeito aos assuntos tratados dentro das paredes das casas, constituído por todos os membros da família. Ao pensarmos os termos público e privado, encontramos definições distintas para dois pontos conceituais centrais: o público/privado que se refere ao Estado e sociedade, respectivamente; e o público/privado que se refere à vida doméstica e não-doméstica. O conceito que empresta sua função a esse trabalho é a segunda definição, ao entender que a vida doméstica e a vida não-doméstica são atos diferentes na vida de um sujeito, passíveis então a diferentes construções.

Na Grécia Antiga, o pensamento político baseava-se na distinção entre dois domínios: o espaço público e o espaço privado. A filósofa alemã Hannah Arendt aponta que a esfera pública era o espaço da *polis*, da vida em sociedade, enquanto a esfera privada tratava de assuntos de manutenção da vida, como as necessidades básicas do ser humano. Assim, “a *polis* diferenciava-se da família pelo fato de somente conhecer ‘iguais’, ao passo que a família era o centro da mais severa desigualdade” (ARENDR, 2007, p. 41). A afirmação da autora parte do pressuposto de que a vida privada possuía um líder, o chefe da família, que liderava os demais (esposas, filhos e escravos), e que o mesmo era livre para vivenciar a vida pública, enquanto os demais eram restringidos a vida privada.

A privatividade era como que o outro lado escuro e oculto da esfera pública; ser político significava atingir a mais alta possibilidade da existência humana; mas não possuir um lugar próprio e privado (como no caso do escravo) significava deixar de ser humano. (ARENDR, 2007, p. 74)

Nesse sentido, para a autora, tudo que pode ser considerado irrelevante ao mundo público é destinado à vida privada – como a dor física e os sentimentos. As expressões de individualidade do ser, a vida política e negócios públicos são pertencentes à esfera pública, que se torna um elo de relações que deve transcender a linha do presente. Ao mesmo passo

que a vida pública assume ser o lugar de manifestação individual, é importante retomar a ideia da autora ao definir o espaço privado

não como o espaço da privacidade e da intimidade mas como o lugar da privação. Estar circunscrito ao espaço privado é estar privado da relação com os outros pela palavra e pela ação na construção e nas decisões concernentes ao mundo comum, isto é, à existência política. (ARENDETT, 1961 apud SOIHET, 1989, p. 113)

Assim, ao permanecer a discussão entre a dicotomia público/privado e seus papéis de expressão marcados pelo político/não político, Okin (2008) aponta que muitos teóricos ignoram a natureza política da família, assim como a parte central das desigualdades entre os gêneros dentro desses espaços. A autora propõe então o uso dos conceitos público/doméstico, que marcam as teorias e práticas patriarcais do passado que delimitam as divisões do trabalho, associando o homem ao espaço público e a mulher aos cuidados privados (OKIN, 2008).

Estudos feministas têm se debruçado sobre a vida pública e doméstica e os papéis de gênero, desde as primeiras correntes teóricas que primavam pela inclusão da mulher no espaço público – ainda que com a responsabilidade privada dos cuidados do lar. Ainda não era questionada a jornada dupla que resultaria essa inserção, e nem o caráter androcêntrico das instituições sociais. Com a teoria feminista de cunho radical, questiona-se a jornada dupla e a naturalidade da mulher ao serviço do lar, evidenciando ainda a diferença entre a ascensão feminina no espaço público e de trabalho e a masculina, visto que ao homem só era atribuído o dever de cuidar da sua vida pública. Assim, a dicotomia público/privado a partir de um viés feminista acende a discussão entre a relação intrínseca entre ambos conceitos, em que um não pode ser explicado sem o entendimento de outro, que, de acordo com Aboim (2012), são dinâmicas fundamentais das sociedades modernas.

Para além das considerações sobre o público e privado como reflexos da vida política ou não política, doméstica e não doméstica, é importante discutir o papel da dicotomia nas realidades virtuais, nos espaços de interação promovidos pelas novas tecnologias. As redes sociais, por exemplo, que emergiram nos últimos anos e conquistaram milhões de usuários em todo o mundo, são tensionadas pela recorrente disputa entre o público e o privado. Ambos são ressignificados nesses ambientes, que para Bauman (2011) provocaram revoluções culturais. Para o autor, a esfera pública está inundada e sobrecarregada pelos exércitos da privacidade (BAUMAN, 2011). Exemplo disso está a crescente tendência de não manter sigilo sobre a vida privada, publicando e expondo aspectos pessoais no âmbito público dos perfis em redes

sociais. Assim, “fica claro que esse borramento entre as fronteiras de público e privado ocorrem principalmente pela enxurrada de manifestações privadas na esfera pública” (QUADROS; MARCON, 2014, p. 71).

O Facebook, rede social fundada por Mark Zuckerberg e de propriedade da empresa Facebook Inc., recebe mais de 1 bilhão de acessos ativos diários, conforme pesquisa da plataforma Statista⁴, sendo a rede social mais popular em todo o mundo. Através dela, bilhões de pessoas configuram, compartilham e ressignificam espaços – públicos e privados. Para Sennett (1988, p. 14) “o sistema de expressão pública se tornou um sistema de representação pessoal; uma figura pública apresenta aos outros aquilo que sente, e é essa representação de seus sentimentos que suscita a crença”. Para o autor

O desejo de revelar a própria personalidade no trato social e de avaliar a ação social em termos daquilo que esta mostra das personalidades das outras pessoas pode ser rotulado de diversas maneiras. É, primeiramente, um desejo de se autenticar enquanto ator social por meio de suas qualidades pessoais. O que torna uma ação boa (isto é, autêntica) é a personalidade daqueles que nela se engajam, e não a ação em si mesma. (SENNETT, 1988, p. 23)

Bauman exemplifica que o desejo de se revelar e publicizar a intimidade está ligado aos efeitos da comunicação de massa e das agendas midiáticas, que cada vez mais incitam o indivíduo à abertura ao mundo público – é assim então que as experiências íntimas passam a ter uma relevância maior, em que o público assume o sentido de “território onde são exibidos os assuntos particulares e bens pessoais” (BAUMAN, 2000, p. 71). Assim, os indivíduos em rede publicam e compartilham, de forma privada e pública, entre duas ou dezenas de pessoas, as intimidades e tudo que se relaciona com suas atitudes privadas.

2.2. CONCEPÇÕES SOBRE CORPO E SEXUALIDADE

As temáticas do corpo estão sendo discutidas pela crescente centralidade do corpo na sociedade atual, no qual se tornou objeto de desejo e admiração. Inúmeros pesquisadores e teóricos interessaram-se pela temática, como Jean Baudrillard, Michel Foucault, Pierre Bourdieu e Emily Martin, discutindo em suas obras os valores culturais atribuídos ao corpo. Para Goellner (2003, p. 28), o corpo é mutável e mutante, “uma construção sobre a qual são

⁴ Disponível em: <<https://www.statista.com/statistics/346167/facebook-global-dau/>>. Acesso em 01 nov. 2017.

conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos, etc”, assim como também é, segundo a autora, construído pela linguagem - que nomeia, classifica, normaliza e cria representações que são “temporárias, efêmeras, inconstantes e variam conforme o lugar/tempo onde este corpo circula, vive, se expressa, se produz e é produzido (GOELLNER, 2003, p. 29).

Na Grécia Antiga já se falava sobre o corpo e suas implicações, nas quais os filósofos incitavam discussões sobre as diferentes dimensões corporais do ser humano. Entre os pensadores, Platão considerava a separação de corpo e alma: para o filósofo, o corpo e alma deveriam ser cuidados separadamente para que então se estabeleça uma harmonia. Já Aristóteles entendia que seriam as três fases do ser: vida física, instinto e razão. Ao início da Idade Média e a doutrinação religiosa vigente na época, o corpo é considerado pecado, assim como a sexualidade do ser. O trabalho mental e a elevação espiritual do ser eram valorizados, vetando qualquer manifestação da ordem material (o corpo).

A visão moderna do corpo permite percebê-lo como um sujeito além da carne, uma construção da sociedade em que está inserido. Discussões como a propriedade do corpo acendem durante o período do Renascimento, em que o sentimento de posse caracteriza um individualismo. O sociólogo David Le Breton utiliza-se do individualismo para construir sua argumentação acerca das visões do corpo moderno. A esse individualismo, o autor afirma que “é mais um tendência dominante do que uma realidade intrínseca às nossas sociedades ocidentais”. Assim

Carne, imagem e corpo continuam numa certa relação, mas agora o fundamento é a própria noção de ‘corpo’. A motivação é basicamente política, pois o corpo ‘próprio’ serve de garantia para o uso e abuso da carne, fundando-se nela o sujeito autônomo e racional. (MIRANDA, 2011, p. 155)

A carne, opaca e comum, é o corpo antes de ser trabalhado pela linguagem e outros espectros (MIRANDA, 2011), e que após, assume representações construídas por práticas discursivas e não-discursivas. A relação entre corpo e discurso está atrelada às formas de construção e representação desses corpos - feminino e masculino, além de corporificar relações de poder. Na história das mulheres, analisar os discursos referentes ao corpo é uma forma de entender suas representações, principalmente as marcadas por controle e papéis definidos. Quando se trata do corpo feminino, “o corpo parece a âncora da mulher no mundo, sua razão de ser, para si mesma e para o outro, para o desejo do outro” (NATANSOHN, 2005,

p. 288). Para Natansohn (2005), o corpo feminino para o outro é a lógica que sustenta os discursos de mídia, visíveis na publicidade e em programas televisivos. Para a autora, a equação mulher=corpo se reafirma em programas construídos para o público feminino, nos quais abundam informações, através de médicos, sobre “tudo aquilo que falta ou sobra na insubordinada fisiologia feminina” (NATANSOHN, 2005, p. 288).

Michelle Perrot (2003, p. 14) compara o corpo feminino com os dois corpos do Rei, conceito da obra de Ernst H. Kantorowicz (1998): “o corpo privado deve permanecer oculto; o público é exibido, apropriado e carregado de significações”. Tal comparação ajuda a compreender a lógica do silenciamento do corpo feminino, ao mesmo tempo em que é dissecado, analisado e utilizado pelos meios de comunicação, pelos indivíduos e pela sociedade. O corpo feminino então é, de acordo com Angeli (2004), um produto histórico, que perpassa sentidos de público e privado, enquanto as experiências femininas carregam a arbitrariedade do silêncio e da privação, se estabelecem relações de poder que “imprimem marcações a cerca dos papéis sexuais, que se dirigem principalmente à manutenção da ordem e do funcionamento social” (ANGELI, 2004, p. 244).

O teor repressivo também se aplica aos usos e desejos da sexualidade. Na obra “História da Sexualidade – A Vontade de Saber”, Foucault apresenta considerações sobre a sexualidade, repressão e poder. Para o autor, por muito tempo nas sociedades cristãs associou-se o sexo à busca da verdade absoluta, utilizando-se de formas de colocar a sexualidade com elemento central da existência. Assim como aponta Ribeiro (1999, p. 359) “o sexo nas sociedades cristãs, tornou-se algo que era preciso examinar, vigiar, confessar e transformar em discurso”, pois a repressão era necessária para o poder na construção nova sociedade burguesa. Transformar o sexo em discurso foi uma ferramenta que possibilitou o maior controle sobre a vida sexual dos indivíduos, em uma sociedade que aceitava a fala sobre o sexo e a sexualidade somente para impor pudores e proibições. Foucault sustenta o seu discurso sobre a sexualidade não se baseando nas proibições, mas sim na produção das ‘verdades’, em que os discursos são tornados verdades que por assim produzem poderes. Nesta lógica, ao pensar a sexualidade do viés feminino, cabe destacar que

A mulher, pela sua condição desigual em relação ao homem, por muitos anos viveu sob sua tutela, em primeira estância do pai e em segunda do marido, com sua sexualidade normatizada pelos padrões Cristãos, legitimada pela instituição do casamento e pelo cumprimento da função reprodutora. (TRINDADE; FERREIRA, 2008, 418)

Tal relação de desigualdade no sexo é responsável pelas ainda atuais problemáticas relacionadas com os pudores e os temores das mulheres quanto aos seus corpos e desejos sexuais, e, mesmo com a revolução sexual desenhada a partir dos anos 1970, a sociedade ainda exerce um papel determinante quanto às atividades sexuais, principalmente da mulher.

2.2.1. Ciclo menstrual: tabu e mistério do sangue

Os processos fisiológicos que ocorrem durante o ciclo menstrual da mulher, na perspectiva das ciências médicas, são frutos de alterações hormonais que culminam na menstruação ou na gravidez - processos entendidos como opostos. Como afirma Sardenberg (1994), a “associação entre a ausência da menstruação e uma gravidez em mulheres cujos ciclos são “regulares” é suficientemente óbvia a ponto de ser reconhecida quase que universalmente”. Atualmente, a mulher passa por mais ciclos menstruais do que antigamente: a explicação está na menarca tardia experimentada pelas antecedentes, além das várias gestações, períodos de amamentação e a baixa expectativa de vida.

A relação da mulher com seu ciclo menstrual atravessa barreiras culturais, já que a menstruação é envolta de mitos. Em sociedades patrilineares⁵, a relevância do sangue menstrual é inferior ao sêmen masculino, enquanto em sociedades matrilineares⁶ é considerado como fator principal. A existência da menstruação é associada a valores simbólicos muito diferentes, que variam em cada geração, povo e sociedade. Sardenberg (1994) afirma que, “assim como morrer, menstruar manifesta-se como fato social e cultural, implicando em crenças, condutas, atitudes ou até mesmo rituais próprios associados às concepções nativas sobre a menstruação”.

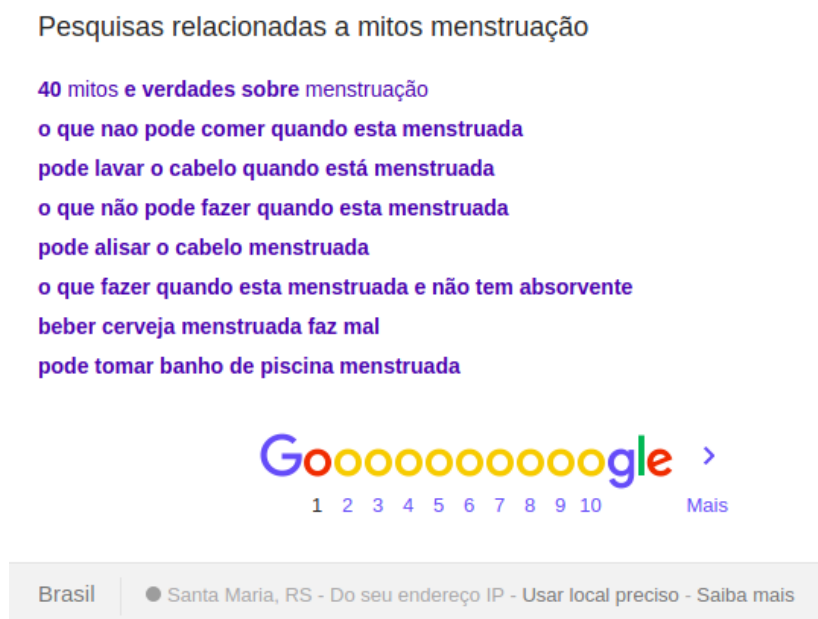
O sangue próprio ao ciclo menstrual, composto por tecidos epiteliais do útero, é comumente associado a sentimentos de nojo e repulsa, já que difere do sangue que corre nas veias. Em diversas sociedades, a menstruação é considerada impura, vergonhosa e, muitas vezes, dotada de mistérios e magias. Crenças como a descrita por Sardenberg (1994, p. 321), em que o filósofo Plínio, o Velho, declara que ao entrar em contato com o ciclo menstrual da mulher “o vinho novo azeda, as colheitas estragam, as sementes dos jardins caem, o bronze e o ferro são atingidos pela ferrugem e um cheiro horrível se espalha pelo ar”.

⁵ Diz-se patrilinear: fundamentado na descendência paterna.

⁶ Diz-se matrilinear: fundamentado na descendência materna.

Descendentes dessas antigas crenças, estão associadas as novas e semelhantes proibições e costumes em todos os países, assim como no Brasil. Em uma pesquisa na plataforma de pesquisa Google, com os termos ‘mitos menstruação’ - como mostra a Figura 1, percebe-se nitidamente as inúmeras dúvidas e crenças relacionadas ao período menstrual.

Figura 1 – Pesquisa na plataforma Google.



Fonte: Google.

Grande parte delas é oriunda dos séculos de desinformação e julgamentos a cerca da mulher menstruada, em que as ciências médicas corroboravam com tais pensamentos, instigando ainda, a partir do século XIX, estudos que relacionavam o ciclo menstrual, a vivacidade precoce, a linguagem livre de certas pacientes como “sintomas” de distúrbios psiquiátricos - delineando o perfil da “mulher histérica” (PRIORE, 2011, p. 90). Dúvidas acerca da alimentação, cuidados com higiene e aparência e do consumo de bebidas alcoolicas durante o ciclo menstrual são os resultados mais comuns encontrados na plataforma de pesquisa. Neles, médicos e especialistas desvendam o que é mito e o que é verdade sobre tais costumes, exemplificado na Figura 2:

Figura 2 – Dúvidas sobre o ciclo menstrual respondidas por especialista.

8) A mulher menstruada faz desandar receita de bolo e maionese.

FALSO É totalmente infundada a crença de que um bolo não cresce e a maionese desanda se forem preparados por uma mulher 'naqueles dias'. Nem tampouco flores e plantas murcham se tocadas por ela durante o período.

9) Abster-se de relações sexuais impede a menstruação.

FALSO Não faz sentido: a menstruação depende do ciclo hormonal e não das relações sexuais.

10) O sangue menstrual é nocivo ao pênis.

FALSO Essa idéia foi criada a partir da mais completa desinformação e possivelmente pelos temores masculinos centrados no conceito de 'sujeira'. O sangue menstrual nada tem de nocivo. Ou seja, é limpo e puro. Portanto, os contatos sexuais podem ser mantidos no período de sangramento sem que haja qualquer impedimento.

11) Não é normal o sangramento durar apenas um dia.

DEPENDE Como a menstruação acontece entre três e cinco dias, em média, ciclos maiores ou menores de tempo podem ser uma característica pessoal. Porém, também podem indicar algum problema de saúde. Na dúvida, procure um ginecologista.

Fonte: Revista Viva Saúde.

Levando em conta tais crenças acerca da menstruação, é importante salientar o pensamento de Mary Douglas, antropóloga norte-americana que analisa os conceitos de pureza e perigo em diferentes culturas e sociedades, baseando-se na noção de poluição e tabu.

A partir de análises de proibições e tabus alimentares na Bíblia judaica, Mary Douglas chega ao conceito de poluição ritual como principal característica do sagrado. A noção de poluição ou de impureza está ligada àquilo que foge à capacidade humana de classificar, causando inquietação e incerteza. (CORDOVIL, 2015, p. 435)

Neste princípio proposto por Mary Douglas, a menstruação seria algo impuro, portanto, perigosa. Sardenberg (1994) diz que

no caso das crenças e práticas relativas à menstruação, torna-se fundamental levar essa lógica [proposta por Mary Douglas] em consideração, uma vez que ela geralmente envolve elementos constituintes das ideologias de parentesco e da reprodução, dos modelos nativos sobre o corpo masculino e feminino (ou corpos de gênero), e, assim, das relações e ideologias de gênero, que podem ser combinados e recombinaados de uma sociedade ou época para outra de maneira diversificada. (Idem, p. 332)

Sardenberg ainda classifica práticas que chama de ordens prático-simbólicas da menstruação, que correspondem às ideologias de reprodução e parentesco, às práticas alimentares, concepções sobre o corpo, realização da sexualidade, entre outros (SARDENBERG, 1994). Tais práticas serão utilizadas ao longo deste trabalho como base para análise dos fenômenos e discursos relacionados à menstruação.

3. REDES, MEMÓRIAS E DISCURSOS

Escrever; publicar; responder comentários; arquivar. O ato de publicar informação, conteúdo e qualquer outro item da vida privada é, nos dias de hoje, parte do cotidiano de milhões de pessoas conectadas aos serviços de Internet, e mais especificamente, nas redes sociais. Uma pesquisa recente publicada pela comScore mostra que a Argentina e o Brasil são os países da América Latina que mais possuem engajamento em horas investidas nas redes sociais, revelando ainda que em comparação com as outras regiões do globo, os latinos são os que mais dedicam tempo às redes (BURGER; CASTRO; KENT, 2017).

Manuel Castells aponta que vivemos na sociedade em rede, conceito que parte do princípio de que a revolução provocada pelas novas tecnologias de informação e comunicação estabelece uma nova ordem social, econômica e cultural. Para o autor, “a revolução difundiu-se em um período histórico da reestruturação global do capitalismo” (CASTELLS, 2005, p. 50), sendo esse processo um entrelaçamento entre as forças produtivas, as características das tecnologias e as relações sociais. Neste cenário, a Internet surge como um ambiente de interação e socialização, criando uma nova dinâmica de relacionamentos entre os indivíduos e alterando o modelo de comunicação entre emissores e receptores, já que qualquer pessoa com acesso à rede pode emitir e consumir informações. Desse modo, Lemos (2006) aponta que houve a liberação do polo emissor, fator que é base para o desenvolvimento de plataformas de criação e divulgação de conteúdo *online*, inicialmente com os *blogs*, sites e posteriormente as redes sociais. Ainda de acordo com o autor, a liberação é a “primeira característica da cultura digital ‘pós-massiva’”, em que “produzir, fazer circular e acessar cada vez mais informação tornam-se atos quotidianos, corriqueiros, banais.” (LEMOS, 2006, p. 39).

Dessa forma, a Internet e as novas tecnologias passam a fazer parte da vida do indivíduo, pois são mediadoras de realidades e relações experimentadas em ambientes virtuais correspondentes a ‘vida real’. Assim

O ciberespaço encoraja um estilo de relacionamento quase independente dos lugares geográficos e da coincidência dos tempos. Não chega a ser uma novidade absoluta, uma vez que o telefone já nos habituou a uma comunicação interativa. Com o correio (ou a escrita em geral), chegamos a ter uma tradição bastante antiga de comunicação recíproca, assíncrona e a distância. Contudo, apenas as particularidades técnicas do ciberespaço permitem que os membros de um grupo humano (que podem ser tantos quantos se quiser) se coordenem, cooperem, alimentem e consultem uma memória comum, e isto quase em tempo real, apesar da distribuição geográfica e da diferença de horários (LÉVY, 1999, p. 49).

A dissolução de barreiras geográficas e temporais e a relação de troca de informações – sociais e emocionais – fizeram com que os indivíduos criassem meios de discussão mediados por computadores, e mais tarde ampliados com o uso de aplicativos dos *smartphones* e *tablets*. Esses espaços tornaram-se comunidades virtuais onde pessoas com interesses em comum trocam relatos, experiências, informações, fotografias e todo o tipo de mídia, criando laços sociais e regidos por normas que se alteram ao longo do tempo e das necessidades (RHEINGOLD, 1996). Assim, de acordo com o autor, as comunidades virtuais são “os agregados sociais surgidos na Rede, quando os intervenientes de um debate o levam por diante em número e sentimento suficientes para formarem teias de relações pessoais no ciberespaço” (RHEINGOLD, 1996, p. 18).

Dentro dessas perspectivas, faz-se necessário discutir as redes sociais, que se popularizaram nos últimos anos, sendo utilizadas por milhões de pessoas em todo o mundo. Os estudos acerca das redes sociais são antigos, quando já se discutiam as ferramentas de comunicação mediadas por computador (CMC). Para Recuero (2009), a rede social é definida “como um conjunto de dois elementos: *atores* (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas *conexões* (interações ou laços sociais)”⁷. Os *atores*, de acordo com a autora, são na verdade representações de atores sociais, que utilizam os espaços de interação para demonstrar elementos de suas personalidades e individualidades (RECUERO, 2009). As *conexões*, por sua vez, são os laços sociais, os rastros que o indivíduo deixa no ciberespaço (RECUERO, 2009), como por exemplo, ao publicar um comentário em uma página do *Facebook*, a interação fica salva e a disposição para a consulta independente do tempo e espaço.

Baseando-se no *Facebook* - que é a rede social utilizada neste trabalho – e a comunidade virtual nele inserida, é importante situar quem são os *atores* e as *conexões* de acordo com a proposta de Recuero (2009). Como descrito pela autora, na obra “Redes sociais na Internet”, as representações dos atores sociais podem ser lugares de fala, interações que expressam a individualidade dos atores, narrando e fazendo uma construção de si (SIBILIA, 2003). Neste sentido, os *atores* desta pesquisa são os perfis ativos das participantes da comunidade virtual – aqui chamada de ‘Comunidade A’ pois através deles são expressas narrativas acerca da individualidade e das inquietações de cada pessoa. Cada membra/participante da “Comunidade A” utiliza o seu perfil para acessar, participar, interagir e afirmar representações de si, marcando a presença do “eu” no ciberespaço, e, ao entender

⁷ A autora referencia Wasserman e Faust (1994) e Degenne e Forse (1999).

“como os atores constroem esses espaços de expressão é também essencial para compreender como as conexões são estabelecidas” (RECUERO, 2009, p. 27).

As *conexões*, por sua vez, são os laços construídos pela interação dos *atores*. Para a autora, a interação é a matéria-prima das relações sociais, sendo “uma ação que tem um reflexo comunicativo entre o indivíduo e seus pares, como reflexo social” (RECUERO, 2009, p. 31). Para o estudo dessas interações, deve-se entender as formas síncronas e assíncronas da interação *online*. Ambos conceitos estão ligados com a temporalidade das respostas que se espera em uma interação, sendo a comunicação síncrona aquela em que os indivíduos estão *online*, em que a resposta é esperada de maneira instantânea – por exemplo no bate-papo disponível no *Facebook*; e a comunicação assíncrona, em que a resposta esperada não chega de maneira imediata, como no caso da troca de *e-mails*. Para analisar as interações, é importante destacar a classificação apresentada por Primo (2003), em que define dois tipos de interação: a mútua e a reativa. Para tanto,

interação mútua é aquela caracterizada por relações interdependentes e processos de negociação, em que cada interagente participa da construção inventiva e cooperada da relação, afetando-se mutuamente; já a interação reativa é limitada por relações determinísticas de estímulo e resposta (Idem, p. 62).

Na “Comunidade A” as interações entre as membras podem ser entendidas como mútuas, pois as relações que se estabelecem são complexas e determinantes para a formação de laços sociais. Para Primo (2009, p. 62), a escolha do termo ‘mútua’ visa “salientar o enlace dos interagentes e o impacto que cada comportamento oferece ao interagente, ao outro e à relação”. Também é importante salientar que interações reativas também podem acontecer simultaneamente com mútuas, pois a relação do indivíduo com o *software*, com o teclado e o *mouse* configuram um tipo de interação limitada e determinada e, se for repetida outras vezes, permanece com o mesmo efeito (PRIMO, 2009).

Os laços, ou laços sociais, são construídos pelas relações que se estabelecem através das interações. Para Wellman (2001, p. 7, apud RECUERO, 2009, p. 38), os

laços consistem em uma ou mais relações específicas, tais como proximidade, contato frequente, fluxos de informação, conflito ou suporte emocional. A interconexão destes laços canaliza recursos para localizações específicas na estrutura dos sistemas sociais. Os padrões destas relações – a estrutura da rede social – organiza os sistemas de troca, controle, dependência, cooperação e conflito.

Assim, entende-se que os laços sociais dependem das relações entre os indivíduos/interagentes com outros indivíduos ou mesmo com a plataforma, podendo ser classificados, de acordo com a autora, como laços relacionais e laços de associação. Os laços relacionais são constituídos através da interação entre vários atores; por outro lado, os laços de associação são criados unicamente pelo pertencimento a um determinado local, instituição ou grupo (RECUERO, 2009). No Quadro 1, exemplifica-se a relação entre laço e interação proposta por Recuero (2009).

Quadro 1 – Tipos de laços e tipos de interação

Tipo de laço	Tipo de interação	Exemplo
Laço associativo	Interação reativa	Decidir ser amigo de alguém no Orkut, trocar links com alguém no Fotolog, etc.
Laço dialógico	Interação mútua	Conversar com alguém através do MSN, trocar recados no Orkut, etc.

Fonte: Redes Sociais na Internet (Recuero, 2009)

A proposta da autora é transferida para a atualidade ao percebermos os tipos de laços e interações provenientes do uso do Facebook, como mostra o Quadro 2:

Quadro 2 – Tipos de laços e tipos de interação no Facebook

Tipo de laço	Tipo de interação	Exemplo
Laço associativo	Interação reativa	Enviar ou aceitar solicitação de amizade no Facebook, utilizar a opção “curtir”
Laço dialógico	Interação mútua	Conversar com alguém através do Messenger, trocar comentários nas postagens

Fonte: Redes Sociais na Internet (Recuero, 2009), adaptado pela autora.

Observando os tipos de laços e interações que ocorrem no Facebook, cabe destacar que é possível “perceber elementos como o grau de intimidade entre os interagentes, a natureza do capital social trocado e outras informações que auxiliam na percepção da força do laço que une cada par” (RECUERO, 2009, p. 43). Na visão de Granovetter (1973 apud RECUERO, 2009, p. 41), os laços podem ser fortes e fracos, sendo uma combinação da quantidade de tempo, intimidade, intensidade emocional e serviços trocados que caracterizam um laço.

3.1. DIÁRIO AO FACEBOOK

Dentro dos espaços virtuais, a pesquisa tende a fazer um recorte específico: o surgimento de espaços predominantemente femininos, secretos e/ou fechados, onde se tratam assuntos relativos aos interesses das mulheres participantes: saúde, cotidiano, trabalho, relacionamentos, entre outros. As comunidades criadas e compostas por mulheres atuam como grupos de apoio *online*, assim especificado em algumas descrições dos mesmos.

O fenômeno gerado por estes grupos é importante ao pensar o papel da mulher ao longo da história: toda a memória feminina registrada é quase que majoritariamente privada, sendo descrita em diários, anotações, cadernos e outros tipos de documentos. O silenciamento feminino na história da sociedade é atribuída ao modelo patriarcal que vivemos, no qual as mulheres precisaram conquistar seu direito à vida pública, restringindo-se ao papel privado de suas relações sociais e políticas. Os processos de registro da história são, quase que unânimes, públicos e masculinos. A esfera pública é a detentora do poder e dos valores, tornando-se fonte para a memória social e a escrita dos períodos da sociedade. Frente aos estudos de memória e mudanças na relação memória-sociedade, o registro dos lugares de memória são importantes principalmente para minorias, pois os registros históricos, documentados e armazenados não dão suporte a oralidade das memórias, principalmente das mulheres, por muito tempo escondidas sob o espaço privado. Refletir sobre a participação feminina na sociedade tornando-a sujeito da própria história ainda continua sendo revolucionário em uma sociedade patriarcal.

Sobre as memórias e suas práticas, o historiador Pierre Nora afirma que o tempo acelerado dos dias atuais faz com que sejam criados “lugares de memória”, onde não há memória espontânea, mas sim a necessidade de alocação em arquivos ou no cultivo de celebrações (NORA, 1993). Para o autor, a sociedade contemporânea pós-industrial e dominada pelos meios de comunicação de massa representa o fim da história-memória, das sociedades-memória e das ideologias-memória, pois rompe com uma cultura da memória ao passo que torna-se história, passível de intervenções e demanda crítica. Os lugares de memória tornam-se então, na visão do autor, um caminho para acessar memórias e unir um sujeito fragmentado. Nora busca entender como funciona a memória na modernidade, cenário de ruptura de paradigmas e da crescente desterritorialização das relações sociais. Na visão da relação entre sociedade e memória, também situa-se o precursor Maurice Halbwachs, que

introduz o conceito de memória coletiva e memória individual, fomentando a discussão entre indivíduo, grupo e eventos partilhados entre eles.

Não é suficiente reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança; é necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. (HALBWACHS, 2004, p. 35)

Neste cenário, a chamada “cultura da memória” emerge a partir dos anos 1980, expressada no desejo do arquivamento e na nostalgia ao rememorar o passado não precisa ser resumida ao consumo ou entretenimento banal, mas que “as lembranças, mesmo que se expressem de forma transitória e efêmera, podem também produzir reflexão e conhecimento” (RIBEIRO, 2013, p. 83). Assim, é preciso considerar as inovações nas comunicações como ferramentas que possuem o poder de dar “voz” aos sujeitos esquecidos pelas narrativas históricas, e neste contexto, faz-se necessário discutir o surgimento da memória feminina, aliada aos estudos da História das Mulheres. Neste cenário, a contribuição dos estudos de gênero somam-se aos esforços da causa feminista ao discutir sobre a invisibilidade da mulher no que diz respeito às narrativas. O ato de escrever e relatar assuntos pertencentes ao cotidiano era uma das características dos diários e anotações das mulheres, que se assemelham às atividades exercidas atualmente nas comunidades criadas no Facebook.

4. CAMINHOS METODOLÓGICOS

4.1. GRUPOS DO FACEBOOK: FONTES PARA PESQUISA

O Facebook, como rede social e espaço rico para troca de informações, sentidos, discursos e expressões, tornou-se o campo ideal para o desenvolvimento das inquietudes como pesquisadora. Enquanto participante de inúmeros grupos criados e destinados para mulheres, pude observar características de cada um deles, enquanto funcionamento, regras, participantes ativas e temáticas. Inicialmente foram selecionados seis grupos que tinham em comuns três pilares: **criados e gerenciados** por mulheres, **destinados** para mulheres e **discussões de temáticas** sobre corpo, sexo, menstruação, relações e métodos contraceptivos. O período de observação para a seleção dos grupos se deu durante o mês de março de 2017. O Quadro 3 descreve os seis grupos enquanto número de membros e principais temáticas.

Quadro 3 – Comunidades selecionadas na primeira fase da pesquisa

Nome do grupo ⁸	N. de membros ⁹	Principais temáticas
Comunidade A	12.977	Sexo, menstruação e coletores, relações de trabalho e pessoais.
Percepção da Fertilidade e Contracepção Natural	15.039	Métodos não hormonais de contracepção, observação de fertilidade e menstruação.
Comunidade B	134.589	Métodos de contracepção, dúvidas sobre menstruação e pílulas anticoncepcionais.
Contraceptivos - Trocando Experiências	22.123	Métodos de contracepção, dúvidas sobre menstruação e pílulas anticoncepcionais.
Ginecologia Natural e Ciclos Femininos	2.768	Métodos não hormonais de contracepção, observação de fertilidade e menstruação.
Comunidade C	11.904	Usos do coletor menstrual e métodos de contracepção.

Fonte: Elaborado pela autora.

⁸ Os nomes das comunidades relacionadas como Comunidade A, B e C serão preservados; os grupos tem caráter secreto, ou seja, de acordo com as normas de privacidade do Facebook, não podem ser encontrados por quem não é participante. Essa medida é adotada como de segurança para os grupos. As comunidades tratadas com o nome real são comunidades fechadas, em que o nome é de acesso para qualquer pessoa da rede.

⁹ Número de membros atualizado no dia 21 de novembro de 2017.

Ao primeiro olhar, todos os grupos selecionados possuem mais semelhanças do que diferenças, mas ao acompanhar com frequência diária as postagens e assuntos bem como as interações nos grupos, percebeu-se que alguns grupos não atendiam o propósito da pesquisa, sendo excluídos do *corpus* inicial. Nos grupos excluídos, as principais temáticas discutidas evocavam interações curtas e sobre assuntos muito específicos – além de muitos estarem desatualizados. Assim sendo, ao final da observação dos seis grupos selecionados, apenas um foi escolhido para ser o *local*¹⁰ de pesquisa. O grupo intitulado “Comunidade A” é um grupo secreto, destinado a mulheres cisgêneros e transgêneros, aceitando também membros homens transgêneros. A entrada no grupo depende de duas etapas: alguém que já está no grupo adiciona a nova participante; em seguida, deve esperar a autorização das moderadoras. Após a entrada, as recomendações são que a nova participante leia com atenção todas as regras em funcionamento do grupo. As regras são atualizadas e englobam todos os aspectos, como: postagens com o uso de TAGs, no português “etiqueta”, para facilitar a busca pela lupa e a organização do grupo; regra específica sobre linguagem neutra, para inclusão de membros transexuais; regras sobre intolerância (gordofobia, homofobia, lesbofobia, racismo, machismo, etc); entre outras. O grupo intitula-se como de apoio e utiliza duas TAGs principais para caracterização: menstruação e coletor menstrual.

As características do grupo foram as responsáveis pela escolha, já que as postagens ocorrem com frequência diária, o gerenciamento do grupo é realizado por moderadoras ativas e a diversidade de assuntos e interações se mostrou um campo fértil para pesquisa. Utilizando o método de observação durante os meses de pesquisa nos grupos - março a agosto de 2017 - foi possível mapear os principais assuntos e interações ocorridos no grupo. A fim de registrar os assuntos avaliados nas observações, desenhou-se um modelo de anotação com cinco eixos: Sexo, Relações pessoais, Trabalho, Saúde e Outros. Tais anotações guiaram o processo para definição das categorias de análise. O Quadro 4 mostra descritivamente os cinco eixos e seus respectivos assuntos, além de considerações sobre a interação em cada um deles.

Quadro 4 – Anotações de campo

Eixo	Assuntos	Interação
Sexo	Lubrificação e dicas	Média de 30 ‘curtidas’
	Descontração no sexo e fetiches	Mais de 30 ‘curtidas’ e mais de 60 comentários.

¹⁰ De acordo com FRAGOSO; RECUERO; AMARAL (2011): ambiente no qual a pesquisa é realizada.

	Relatos pessoais e dicas	Média de 200 ‘curtidas’ e engajamento nos comentários
Relações pessoais	Namoro, casamento, etc.	Grande quantidade de postagens, interação mínima (por vezes nula)
	Desabafos pessoais	Grande quantidade de postagens, interação mínima (mas não nula)
	Declarações (sobre assuntos gerais, amorosas, etc)	Poucas postagens porém com engajamento de mais de 300 ‘curtidas’
Trabalho	Desabafos sobre o cotidiano	Publicações quase semanais, com interação mínima (mas não nula)
Saúde	Candidíase, vaginose, dores vaginais	Poucas postagens, interação mínima porém sempre com dicas e ajuda
	Muco cervical e métodos contraceptivos	Postagens mais frequentes, interação mínima mas sempre com alguma resposta
	Outras doenças	Postagens frequentes, interação mínima (mas não nula)
	Menstruação e coletor menstrual	Postagens esparsas, mas com grande adesão de respostas e comentários
Outros	Métodos de depilação	Poucas postagens e interação mínima (mas não nula)
	Inseguranças com o corpo, problemas e cotidiano	Volume grande de postagens e interação com muito engajamento
	Indicações de textos, sites, etc.	Algumas postagens e interação mínima (mas não nula)

Fonte: Elaborado pela autora.

A partir destas considerações, foram definidas as categorias de análise de acordo com as temáticas: corpo, sexualidade e menstruação. Entende-se que, a partir das discussões suscitadas por estas temáticas, estão presentes discursos e valores que refletem ideais construídos pela sociedade. Para verificar a quantidade de postagens e temas específicos relacionados às temáticas das categorias de análise, foi realizada uma pesquisa pela lupa do grupo – ferramenta que possibilita a pesquisa por palavra-chave. Foram utilizadas as seguintes palavras-chave: sexo; menstruação; transa; coletor; namoro; e corpo. Os dados quantitativos encontrados estão descritos no Quadro 5:

Quadro 5 – Postagens por mês e total geral

Mês	Número de postagens por temática		
	Corpo	Menstruação	Sexo/Sexualidade
Março	89	55	60
Abril	76	35	33
Mai	74	45	39
Junho	49	30	39
Julho	89	46	56
Agosto	53	31	33
Total	430 postagens	242 postagens	260 postagens
Total geral: 932 postagens encontradas			

Fonte: Elaborado pela autora.

Dentro desta pesquisa os principais assuntos encontrados foram respectivamente: sexo lésbico, sexo a três, doenças sexualmente transmissíveis, dores, gravidez, medição do colo do útero, carência, relacionamento aberto, término de namoro, insegurança, e melhora da autoestima. Tal pesquisa auxiliou a compreensão sobre os desdobramentos dos assuntos principais, possibilitando a entrada do método de coleta de dados aplicado nesta pesquisa.

4.2. TÉCNICAS ETNOGRÁFICAS

Fragoso, Recuero e Amaral (2011) partem do princípio de um modelo de comunicação que leva em conta contextos e culturas que nela se desenvolve, no qual estão inseridas conversações e práticas simbólicas que após observação sistemática e investigação interpretativa, ajudam a decompor e desvendar padrões de comportamento social e cultural (p. 168). Para tanto, apontam os estudos de inspiração etnográfica que incorporam protocolos metodológicos e práticas de narrativa para compor a análise dos dados. A etnografia na sua tradição é apresentada como o deslocamento para o campo e na vivência presencial durante um determinado período (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011), e a transposição deste método para o ambiente virtual resultou na discussão dos termos por vários autores.

Christine Hine (2000) aponta que neste cenário, o surgimento da etnografia virtual é uma abordagem que busca abarcar toda a complexidade da Internet, de caráter qualitativo e com características de reflexividade e subjetividade. Para a autora, a etnografia virtual “se dá no e através do online e nunca está desvinculada do off-line, acontecendo através da imersão e engajamento intermitente do pesquisador com o próprio meio” (apud FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011). Nas discussões acerca do termo etnografia virtual, surge nos

anos 90 a netnografia – net+etnografia, popularizado pelos estudos de Robert Kozinets. Amaral (2008, p. 4) apresenta os quatro procedimentos básicos de metodologia da netnografia, fundamentados nos estudos de Kozinets: a) *Entrée cultural*; b) Coleta e análise de dados; c) Ética de pesquisa; e d) Feedback e checagem de informações com os membros do grupo.

No presente trabalho, seguindo a proposta dos estudos de Robert Kozinets e Adriana Amaral (2008), a *Entrée cultural* ocorreu de forma natural, já que estava presente em inúmeras redes sociais por pelo menos cinco anos. Como participante ativa de comunidades virtuais localizadas no Facebook, sobre diversos assuntos e temáticas, a abordagem aos espaços, membros e moderadoras ocorreu de forma simples e com respostas rápidas. Ao adentrar a “Comunidade A” no período de pesquisa, despi-me do papel de membra ativa e assumi o caráter de pesquisador-*insider*, apresentado por Paul Hodkinson (2005), termo que tem conceito designado para situações com “grau significativo de proximidade inicial entre as locações sócio-culturais do pesquisador e do pesquisado” (apud AMARAL, 2008, p. 10).

A coleta de dados foi realizada a partir das observações e das pesquisas prévias já relatadas, utilizando-se da função *printscreen* ou captura de tela, separando cada material coletado em pastas respectivas às categorias de análise: corpo, menstruação, sexualidade. Aqui se encontram duas etapas que se entrelaçam: a coleta de dados e a ética de pesquisa. Toda e qualquer coleta realizada para fins de utilização ou não, foram previamente autorizadas pelos autores das postagens – mais uma vez, se reforça que a pesquisa não utilizará nenhum nome ou qualquer método identificador para segurança do grupo e de seus/suas membros/membras. As moderadoras do grupo também foram contatadas desde o início da pesquisa, sendo informadas de qualquer passo realizado dentro da comunidade. O feedback e a checagem de informações ocorrem exclusivamente em ambiente *online*, via aplicativos de conversa como o *Messenger*, do Facebook. Por este meio são trocadas informações entre pesquisador – moderadores – participantes, além de sugestões e aprofundamento nos temas tratados.

O Quadro 6 apresenta cada passo da pesquisa e seus respectivos tempos de realização.

Quadro 6 – Descrição das etapas da pesquisa por data

Mês	Etapa	Atividades desenvolvidas
Março/Abril	<i>Entrée</i> cultural, observação e imersão no tema	Pesquisa e observação na comunidade, leitura de bibliografias.
Mai à Agosto	Observação e coleta de dados	Captura de dados e escrita bibliográfica.
Setembro/Outubro	Catálogo dos dados e escrita	Separação dos dados por categoria e escrita dos dados e conceitos da monografia.
Novembro	Finalização	Correções, conferência de dados.

Fonte: Elaborado pela autora.

4.3. MÉTODO DE ANÁLISE DE DADOS

Os dados coletados na comunidade estudada demandam uma análise crítica, capaz de provocar investigações sociais de forma organizada e coerente. Para este fim, julga-se adequada a proposta de análise de conteúdo discutida por Laurence Bardin (2011) em que o termo é definido como

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Idem, p. 47).

Neste sentido, a autora aponta que uma pesquisa qualitativa é capaz de integrar o significado e a intensidade como inerente aos atos, às relações e às estruturas sociais (BARDIN, 2011). A autora ainda estabelece critérios para organização de uma análise, sendo eles: a) pré-análise; b) a exploração do material; e c) tratamento dos resultados. A pré-análise é composta pelo *corpus* da pesquisa, devidamente selecionado e organizado, em coerência com as hipóteses e os dados coletados. A exploração do material consiste em organizar e agregar os dados coletados e as observações anotadas em unidades ou categorias. No tratamento dos resultados, busca-se codificar a uma unidade de registro, que de acordo com Bardin (2011) é um tema, palavra ou frase a ser codificado. Neste tratamento leva-se em conta a inferência – que investiga as causas a partir dos efeitos; e a interpretação – que parte da compreensão de conceitos e proposições.

Para tanto, o trabalho teve como pré-análise a organização de materiais e bibliografias pertinentes, adequação ao espaço pesquisado e os tipos de mensagem nele expressos. Essa categoria pode ser aliada ao fator etnográfico de *entrées* cultural e na coleta de dados. Na fase exploratória, foram reunidos pesquisas e termos que deram origem às categorias de análise, classificadas e categorizadas como mostra o Quadro 7.

Quadro 7 – Categorias e subcategorias de análise

Categorias	Sub-categorias
Corpo	Insegurança
	Aceitação
Menstruação	Coletor menstrual
Sexo e sexualidade	Libido
	Masturbação feminina

Fonte: Elaborada pela autora.

Já a última instância de análise, com inferência e interpretação de dados, é construída no capítulo seguinte, indicando composições de trabalho e interpretações de discursos, buscando compreender de forma crítica e em profundidade, aspectos que são desenhados e discutidos na comunidade virtual escolhida.

5. ANÁLISE

Neste capítulo, as informações coletadas nos grupos serão analisadas enquanto discursos e contextos. Para tanto, utiliza-se como base as teorias e conceitos já apresentados no desenvolvimento da pesquisa, bem como a estratégia metodológica escolhida para suprir as demandas de análise.

5.1. O CORPO

Os discursos sobre o corpo versam entre as linhas tênues da insegurança e aceitação. O corpo feminino, aclamado por músicas, poetas, pinturas, esculturas e todo tipo de arte, padece sob as mazelas do silêncio que lhe é imposto: pudor, recato. No corpo público, carregado de significação. O corpo privado, oculto e submisso. Esta categoria busca analisar os sentidos do corpo através dos discursos das participantes, elucidando termos e contextos acerca da insegurança feminina com sua fisionomia, além das etapas de aceitação que muitas mulheres buscam ao reconhecerem a autonomia de seus corpos.

5.1.1. Síndrome da meia luz: insegurança

As manifestações presentes nesta sub-categoria expressam a forma como muitas mulheres lidam com a pressão social e estética sobre seus corpos (Figura 3).

Figura 3 – Postagem sobre insatisfação com o corpo

Gente tenho uma irmã de 12 anos e ao contrário de mim que sempre fui magra, ela sempre teve um peso a mais que eu, ela tem as dobrinhas na barriga. Enfim eu to muito mal porque eu nao sei como posso ajudar efetivamente ela. Aqui em casa todo mundo é magro, e meu pai "a quem ela puxaria" é paranoico com o peso e faz umas loucuras por isso, tipo não janta, ou toma uns sucos de beringela quando quer emagrecer.

A questão é que aqui em casa meus pais, mais minha mae, sempre fizeram comentários sobre o peso dela, sobre ela está engordando, sobre ela comer besteira o tempo todo (como se eles não comprassem), por mais que eu sempre chamasse atenção deles eu sabia que um dia ia chorar e conversar comigo disso, esse dia chegou e eu to tão mal quanto ela.

Ela disse que tem medo que a minha mãe fale dela como ela fala do peso das outras pessoas aqui dentro de casa; diz que quer emagrecer pra ir no clube (uma das coisas que ela mais ama); eu to chorando sem saber o que fazer, morro de medo dela querer fazer bulimia ou algo do tipo, ante ontem conversei muito com ela, falei muito sobre padrão, que os corpos são diferentes, tentei dar alguns exemplos meus, como o bigode, as estrias, o peito e a bunda pequena, comparando com os padrões, falei que nossos corpos são diferentes, que ela é linda, que não tem nada de errado com o corpo dela. Mas hoje ela tava chorando de novo dizendo que não consegue gostar do corpo, e agora quem ta chorando sou eu, vou conversar serio com meus pais muito sério, mas e pra ela? Conheço uma terapeuta muito boa, seria uma boa ideia, pro lance de aceitar o corpo, auto estima? To tentando mostrar ela fotos de corpos de verdade, mas tudo o que ela assiste na internet dificulta o que eu tento fazer com ela, fica vendo essas youtubers tudo magra demais, branca, do cabelo liso.

Gente me ajuda, eu não quero minha irmã passando por isso, me mata ver ela chorando por causa do corpo dela, se eu pudesse abraçava ela até isso tudo passar. Por favor me ajudem, me falem se passaram por isso, o que eu posso fazer, to desesperada.

21
16 comentários

Fonte: Comunidade A, coletada pela autora.

Nesta postagem, existe a preocupação por parte de uma membra ao ver o sofrimento da irmã, uma criança/adolescente que enfrenta dificuldades para aceitar o próprio corpo. Considera-se que a pressão social exercida sobre os corpos femininos atinge uma parcela de meninas que estão entrando na fase da adolescência. Tal consciência adquirida para considerar um corpo “bonito” ou “feio” resulta da adultização precoce, já que a infância está diretamente atrelada com o mundo adulto em uma sociedade que generaliza comportamentos. Neste sentido, a adolescente questiona seu padrão de beleza com base nos contatos midiáticos que apresentam a ela outro universo: de rostos e cabelos perfeitos, corpos esbeltos e caucasianos. O ‘culto ao corpo’, fenômeno atuante na sociedade, “aumenta a exigência de conformidade aos modelos sociais do corpo [...] que atualmente encontra-se submetido a coerções estéticas mais imperativas e geradoras de ansiedade do que antigamente.” (GOLDENBERG, 2002, p. 9).

Grande parte das referências atuais para crianças e adolescentes se encontra no âmbito da Internet. A popularização das redes sociais – Facebook, Instagram e Snapchat – e de canais de publicação de conteúdo – blogs e Youtube – provocou uma onda em que pessoas se tornaram influenciadores digitais¹¹, que movidos por patrocínios de marcas principalmente do ramo de beleza e saúde, publicam conteúdos sobre suas vidas, dicas de beleza e saúde e propagandas de cosméticos, suplementos, roupas, entre outros. Esses ambientes criam expectativas sobre um modo de vida que é diferente da realidade de muitos de seus espectadores, causando desejos e frustrações. Para o público feminino, o reforço de estereótipos sobre beleza e cuidados - lidos pela sociedade como características inerentes da feminilidade - é nocivo ao pensarmos a diversidade de espectadoras.

A pressão sobre o corpo da adolescente começa no seio familiar, que reproduz discursos sobre o conceito de gordo/gorda e engordamento, tidos em nossa sociedade como espécie de xingamento, que definem uma posição de inferioridade ao corpo gordo. Para a criança/adolescente, realizar uma atividade cotidiana – expressa pelo trecho “*diz que quer emagrecer pra ir no clube (uma das coisas que ela mais ama)*” – evidencia que o seu próprio corpo é um empecilho para realizar atividades das quais ela goste. Em convivência ao estilo *fitness* apresentado atualmente como uma ‘religião’ para o corpo e saúde perfeitos, a inferioridade do corpo gordo representa a vergonha da adolescente em possuir tais características. É possível perceber na postagem que a mulher que busca conselhos para ajudar a irmã no processo de aceitação do próprio corpo está emocionalmente abalada com a

¹¹ Pessoas que utilizam da popularidade nas redes e Internet para incentivarem estilos de vida, marcas e produtos.

situação, encontrando no grupo o apoio necessário para tomar decisões que vão se refletir na escala pessoal e presente – em uma comunicação face a face com a irmã.

Com relação às interações provocadas pela postagem, foram publicados 16 comentários de outras membras, em que: nove comentários são relatos pessoais de situações semelhantes, que ocorreram ou que ainda ocorrem com a autora do comentário; e sete comentários de opiniões, apoio emocional e compartilhamento de *links* de vídeos e textos que falam sobre aceitação do corpo. A partir das discussões dos laços sociais propostas por Recuero (2009), observa-se a predominância de um laço dialógico considerado forte: os diversos comentários publicados na postagem foram respondidos pela autora e/ou por outras membras, que abriram espaços de discussão sobre o tema e outras vertentes, como relações familiares, superação e apoio. Estas discussões apontam uma intimidade e intensidade entre as membras, que dedicam tempo e envolvimento emocional na comunidade.

5.1.2. Luz acesa, corpo a mostra: aceitação

Nos seguintes exemplos encontrados na comunidade – Figura 4 e 5 – percebem-se traços da insegurança quanto ao corpo em algumas semelhanças com o item anterior: a preocupação ao engordar e a pressão familiar sobre ser magra/gorda. Porém, o que difere tais traços é o discurso de aceitação. Ao perceber a pressão e o aparato social que gira em torno de seu corpo, entende que o único movimento possível é a aceitação, e para tanto, busca formas como a Internet e os relatos pessoais de outras membras para entender-se enquanto mulher de corpo diferente do apresentado como ideal.

Figura 4 – Postagem sobre relato de aceitação do corpo

[AJUDA] [ACEITAÇÃO DO CORPO]

Existe algum site/canal no youtube que fale sobre se aceitar? Ou como vocês aceitaram o corpo de vocês?

Porque to numa fase difícil. Minha mãe só fica falando pra eu emagrecer, todos os assuntos dela comigo é sobre dieta, e isso dificulta muito pra eu aceitar meu corpo, principalmente porque eu já fui magra, daí ela fica querendo mostrar minhas fotos de quando eu era magra pras pessoas. "Olha so como ela era magrinha antes". Nossa, isso me irrita tanto!!! Eu ja falei mil vezes pra ela parar com isso, mas ela fica nessa de "é pro seu bem que eu falo". Dai um cara que eu fico afim diz que eu sou linda, e eu não consigo acreditar nem fodendo, fico achando que é só pra me pegar e só, e se me ver pessoalmente não vai gostar. Ainda mais que tenho estrias porque engordei, e fico 💔 Mas acho que não engordei porque eu como demais, pelo contrário, eu tenho uma alimentação até saudável, eu preciso fazer um exame de tireoide e aquele pra ver se tenho ovários policísticos);

👍 5

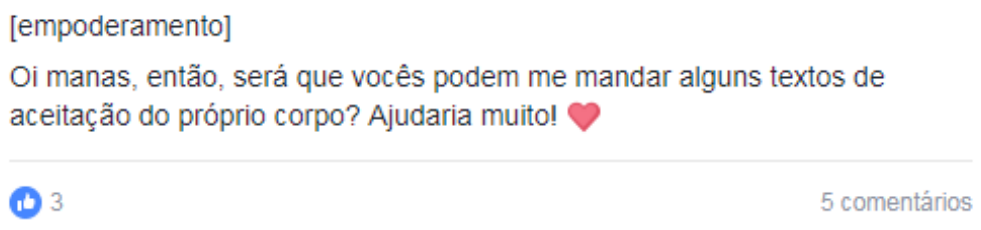
19 comentários

Fonte: Comunidade A, coletada pela autora.

Percebe-se a relação intrínseca entre a insegurança e o peso citado pela participante. No trecho *“Dai um cara que eu fico afim diz que eu sou linda, e eu não consigo acreditar nem fodendo, fico achando que é pra me pegar e só, e se me ver pessoalmente não vai gostar.”* A ideia de inferioridade do corpo gordo, de algo relacionado ao “feio” e ao “não-atraente” é imediatamente ligada ao estilo de vida adotado por ela, em que afirma que: *“Mas acho que não engordei porque eu como demais, pelo contrário, eu tenho uma alimentação saudável [...]”*. Para tanto, volta-se ao questionamento: “que cânones, gostos e costumes sociais permitem considerar ‘belo’ um corpo?” (ECO, 2004, p. 193). Entra-se assim a discussão sobre medidas, de um corpo que ocupa um lugar medido por sua altura, por sua largura e circunferência – um padrão que delimita o ‘belo’, o ‘magro’ e o ‘saudável’ como sinônimos.

A busca por afirmações e relatos pessoais de outras membras também é uma característica a ser analisada. Ao perceber a necessidade de empoderar o seu corpo, a participante recorre à comunidade ao encontrar ali um espaço seguro e de confiança para relatar seus medos, angústias e receber apoio de outras participantes que estejam em uma situação parecida. A indicação de textos e páginas também se torna presente. Movimentos como empoderamento e aceitação do corpo são discutidos em links, sites, e outros meios de ajuda que as membras buscam para reafirmar seus valores. Um dos traços visíveis neste tipo de postagem (Figura 5) é a confiança entre as participantes da comunidade ao compartilhar relatos e dúvidas sobre seus processos de empoderamento e de aceitação.

Figura 5 – Compartilhamento de textos para aceitação do corpo



Fonte: Comunidade A, coletada pela autora.

A discussão sobre empoderamento feminino se tornou cada vez mais atual, principalmente com os esforços do movimento feminista. O empoderamento descrito como palavra-chave na postagem da participante indica o movimento de aceitação que ela está disposta a passar. Para tanto, os cinco comentários que sucedem a postagem são mensagens de apoio, porém não indicam textos em outros meios como revistas, portais *online*, entre outros. Essa interação mútua evidencia a relação intimidade-confiança, pois mesmo sem o contato físico e a conversa presencial, cada participante é segura em relacionar-se em um ambiente que possui regras definidas, temáticas que abrangem sua vida e cotidiano.

Na Figura 6, a postagem apresenta uma relação com o próprio corpo de luz acesa – ou seja, a participante não revela inseguranças sobre o próprio corpo, mas apresenta uma problemática sobre o corpo desnudo em relação ao parceiro amoroso. Neste exemplo, foram publicados doze comentários, sendo dez deles relatos que confirmam semelhanças entre as situações, além de apresentarem novas problemáticas acerca da nudez – principalmente a discussão da nudez com os parceiros amorosos.

Figura 6 – Postagem sobre a nudez entre parceiros amorosos

[NUDEZ] [ROTINA] [LIBIDO]

meninas, como vocês lidam com a nudez? de um modo geral e na intimidade. vocês acreditam que lidar com o corpo do outro no rotineiramente (dormir juntos pelados, por exemplo) pode provocar desinteresse à longo prazo?

eu e meu ex (relacionamento de 3 anos) só dormíamos pelados e isso só fez com que a intimidade que eu tinha com o corpo dele ficasse maior. e quanto mais íntima eu ficava com o corpo dele, mas tesão eu tinha por ele. agora, com meu atual namorado (3 meses juntos), me deparei com uma visão sobre o corpo nu no cotidiano bem diferente. tentei dormir pelada com ele sempre, mas como o tempo vi que isso o desconfortava, até que hoje ele me contou isso, que não curtia esse "desleixo" com o nu. para ele, o corpo é algo que deve ser resguardado para que não haja desgaste visual, que com consequência seria a perda do desejo. achei lógica essa visão, entretanto não concordo com ela, pois o corpo não é apenas sexual, é além disso. pra mim é muito belo ter intimidade suficiente com alguém ao ponto de conhecer todos os detalhinhos, é belo ter a confiança de alguém que não se importe em mostrar o corpo dela em todos os momentos, inclusive os que não são de tesão. incluir o corpo no cotidiano é aumentar a intimidade com ele, o tesão pra mim não está só no corpo, e sim no momento. tô refletindo essas diferentes visões que se chocam, e agora tô até com receio de que minha conquista de intimidade com ele, se transforme em desgaste para ele.

enfim, fiquei reflexiva e gostaria muito de saber o ponto de vista de vocês em relação à isso, ou até mesmo como vocês lidam com isso com x parceirx de vocês. vocês acham que rola desgaste esse contato excessivo? vocês curtem?



12 comentários

Fonte: Comunidade A, coletada pela autora.

Nesta postagem, é possível encontrar três momentos de um corpo: 1) a nudez; 2) a nudez perante o outro; e 3) o corpo para além da sexualidade. A naturalidade com a nudez fica clara no trecho: *“eu e meu ex (relacionamento de 3 anos) só dormíamos pelados e isso só fez com que a intimidade que eu tinha com o corpo dele ficasse maior.”* A problemática surge quando, ao se deparar com uma nova visão sobre a nudez e o desejo sexual, a participante começa a se questionar se a naturalidade da nudez que ela exercia anteriormente se aplica ao novo relacionamento. Para ela: *“o corpo não é apenas sexual, é além disso. [...] incluir o corpo no cotidiano é aumentar a intimidade com ele”*. A reflexão provocada pela autora da postagem demonstra que ela já havia rompido com o tabu da nudez, da visão desnuda do seu corpo para si e para o outro, visualizando-o como o mediador entre representações, intimidades e desejos.

5.2. MENSTRUAÇÃO

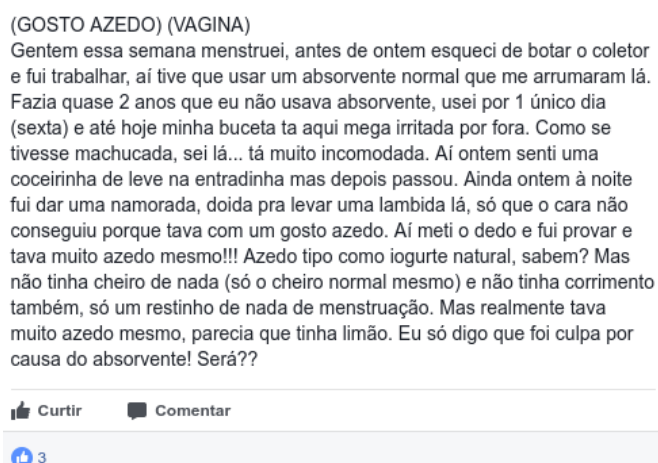
“Mulher é bicho estranho, todo mês sangra.” O sangue, por si só já representa um conjunto de simbologias fortes. O sangue menstrual carrega o peso simbólico de um sangue

diferente – uma sujeira que precisa ser escoada, escondida. Para a mulher e sua relação com o corpo, tais crenças a cerca da menstruação são nocivas pois perpetuam ideais construídos com base na inferioridade da mulher. Atualmente, as discussões acerca da menstruação são mais acessíveis, nas quais a mulher fala e participa de espaços que discutem o tema – apesar disso, antigas convenções ainda se mesclam com a inserção do termo nas palavras públicas.

5.2.1. Melhor ou pior: coletor menstrual

Ao avançarmos nas discussões sobre menstruação, abrem-se caminhos para as discussões acerca de produtos direta e indiretamente ligados a ela. A exemplo disso encontra-se o coletor menstrual. O ‘copinho’, como é muitas vezes chamado pelas mulheres e também pelas mulheres participantes da comunidade, é alvo de críticas bem como de indicações: muitas mulheres questionam a higiene do método, enquanto outras exaltam a praticidade e maior envolvimento com o sangue menstrual. A menstruação, por si só, já é um tabu. O coletor acende uma discussão importante: a ligação da mulher com o seu sangue – relação muitas vezes marcada pelo sentimento de nojo e repulsa, de estar ‘suja’. Neste sentido, muitas participantes questionam-se o porquê da problemática em torno do coletor menstrual, enquanto o absorvente – método de coleta de sangue mais usual – é utilizado de maneira irrestrita sem se levar em conta seus potenciais riscos à saúde (Figura 7).

Figura 7 – Dúvida sobre o uso de absorvente



Fonte: Comunidade A, coletada pela autora.

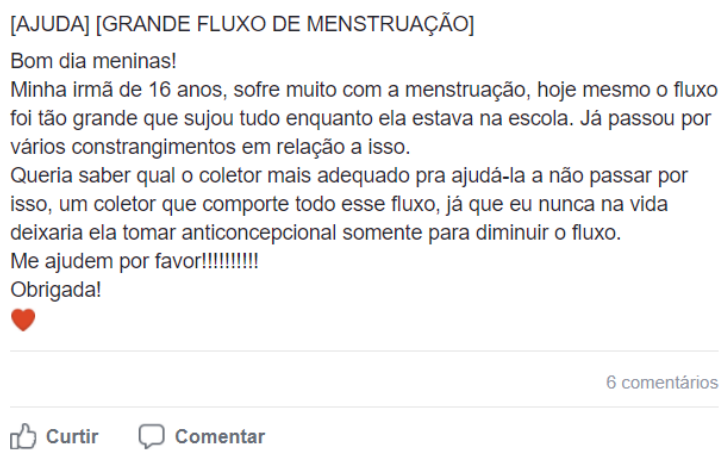
Na postagem, a participante relata a insatisfação de utilizar o método mais tradicional para coleta do sangue menstrual: o absorvente. Para ela, que utiliza o coletor menstrual, os

agentes que compõe o absorvente provocaram a irritação e o gosto diferente sentido na vagina. Os sentidos que apresenta no trecho: “*Aí meti o dedo e fui provar e tava muito azedo mesmo!!! [...] Mas não tinha cheiro de nada (só o cheiro normal mesmo) e não tinha corrimento também [...]*”, deixam claro que ela já possui uma experiência ao manusear e observar aspectos de seu corpo e da sua vagina, pois não hesita em tocar a vulva e analisar odores e gostos diferentes sentidos pelo parceiro sexual. A afirmação de que não tinha cheiro de nada mas sim o cheiro normal, abre a discussão sobre os mitos que envolvem a vagina. Em mulheres que buscam o estudo de seus órgãos sexuais, entendem que a vagina possui uma flora vaginal que confere características como cheiro natural de uma vagina. Ao fazer a distinção entre “cheiro de nada” e “cheiro normal”, ela demonstra um conhecimento prévio sobre o seu corpo.

As interações desta postagem vão no sentido de tentar elucidar a questão levantada pela autora da postagem através de relatos pessoais ou levantamento de possíveis causas do estranhamento – percebe-se também a preocupação em não indicar tratamentos ou quaisquer outros tipos de métodos, já que a comunidade possui uma regra específica que proíbe a indicação de medicamentos ou a automedicação.

A Figura 8 demonstra um outro tipo de busca pelo coletor menstrual, e conseqüentemente, de relação com o sangue:

Figura 8 – Ajuda sobre fluxo menstrual intenso



Fonte: Comunidade A, coletada pela autora.

Neste caso, cabe destacar a associação entre o sofrimento e a menstruação. De acordo com a autora da postagem, no trecho “*Já passou por vários constrangimentos em relação a isso.*”, fica evidente que a relação da adolescente com o seu ciclo é de estranhamento, já que a

quantidade de sangue expelido durante o ciclo é volumoso, provocando situações constrangedoras nas atividades diárias. A partir desse fator, a chegada da menstruação é um período de sofrimento para a adolescente, que se alia com o desconforto provocado pelo ciclo. Dessa maneira, a autora da postagem utiliza-se de ferramentas que estão ao seu alcance – como no caso do grupo – para buscar ajuda e dicas sobre um método de coleta eficiente, que de acordo com ela: “*mais adequado pra ajudá-la a não passar por isso*”.

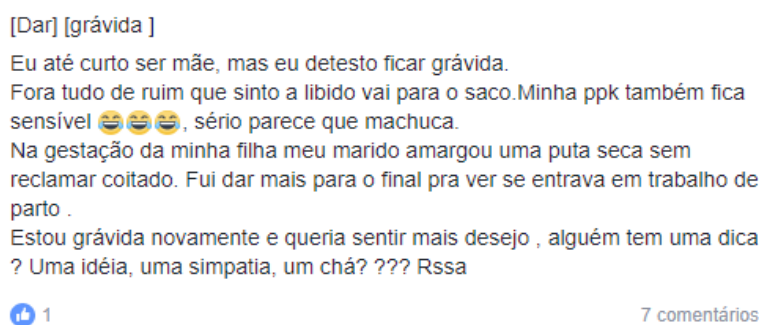
Os seis comentários publicados na postagem trazem conteúdos e experiências que indicam diferentes marcas de coletores menstruais, de acordo com a experiência de cada membra. Além disso, alguns deles foram além e geraram discussões e compartilhamento de *links* sobre a menstruação comentadas por outras adolescentes.

5.3. SEXO E SEXUALIDADE

5.3.1. Secas e molhadas: libido

A libido feminina está comumente presente nos discursos que buscam instigar e aumentar o desejo sexual feminino. Considera-se, neste ponto, que a libido feminina tem corpo e tem idade: a imaginação social traz a tona a libido como pertencente à mulher jovem, que utiliza sua condição de feminilidade como artimanha para execução dos seus desejos sexuais. Esta visão construída de uma libido vertiginosa acaba colidindo com a realidade das mulheres que tentam exercer sua sexualidade de maneira livre. A Figura 9 traz a discussão de uma libido que rompe as barreiras do preconceito: a libido e a sexualidade da mulher grávida.

Figura 9 – Libido em mulher grávida



Fonte: Comunidade A, coletada pela autora.

No trecho *“Estou grávida novamente e queria sentir mais desejo, alguém tem uma dica? Uma ideia, uma simpatia, um chá????”*, a participante explicita, de forma bem humorada, que o sexo faz parte do cotidiano de uma mulher grávida, quebrando as barreiras construídas com elos entre o sagrado e proibido, em que a mulher grávida é sagrada, portanto, não violada. A ideia gravidez sagrada – e principalmente da figura da mãe, é representada desde a Grécia Antiga, na qual a “casa da mulher grávida era considerada um lugar de asilo inviolável, um santuário sagrado onde até os criminosos encontravam abrigo” (CORREIA, 1998). A associação entre a geração da vida e o sagrado da maternidade contrastam com as percepções libidinosas atribuídas ao exercício da sexualidade, fazendo com que a vida sexual da mulher grávida ainda seja considerada um tabu.

Enquanto interações, foram sete comentários que se dividiram entre as semelhanças em situações parecidas e as discordâncias de outras gestantes que afirma sentirem mais desejo e que desenvolvem uma vida sexual ativa durante a gravidez.

5.3.2. Um chuveirinho não faz mal a ninguém: a masturbação feminina

A masturbação, ato considerado por muito tempo como pecaminoso, é quase que majoritariamente associada à figura masculina. Sobre ela, calam-se vozes e resguardam-se atos. A masturbação feminina implica na mulher conhecer e tocar cada parte do seu corpo, descobrir-se enquanto indivíduo sexual e não depender de outrem para alcançar o orgasmo. A Figura 10 apresenta o início das discussões na comunidade: o compartilhamento de links e textos que trazem o tema da masturbação. Levando em consideração o número de ‘curtidas’ e comentários, a adesão é pequena em relação ao que mostra a Figura 11, em que uma participante relata de forma espontânea e descontraída sua relação com a masturbação.

Figura 10 – Dicas de masturbação

(Masturbação) (Feminina) (Dicas)

Como melhorar a estimulação Feminina - Sex Shop Desejo Oculto

O Ciclo da resposta sexual normal tem seu início com a excitação ou desejo em realizar atividade sexual. Com envolvimento e práticas prazerosas a mulher terá...

WWW.DESEJOOCULTO.COM.BR

 1

1 comentário

Fonte: Comunidade A, coletada pela autora.

Figura 11 – Relato de masturbação

[Masturbação] [crise hídrica]

Gente eu estou VICIADA em me masturbar usando a duchinha, está demais!!! São três banhos por dia e três djzadas. Cada banho é uma secada na caixa d'agua (Brinks). Nenhum homem, nenhum vibrador, nem euzinha mesmo sou capaz de fazer o que a duchinha faz. Mas fico preocupada, primeiro por causa da crise hídrica, segundo pq vai que eu viro a maníaca da duchinha(???) 🤪😭🤪

Edit:

O tutorial de hoje vai para as manxs que nunca fizeram e querem tentar: Eh só ligar o chuveiro no máximo (ou duchinha higiênica),tirar a cabecinha da duchinha, colocar o dedo no jato pra dar aquela pressão e mirar no clitóris. ❤️❤️

   Você e outras 145 pessoas

52 comentários

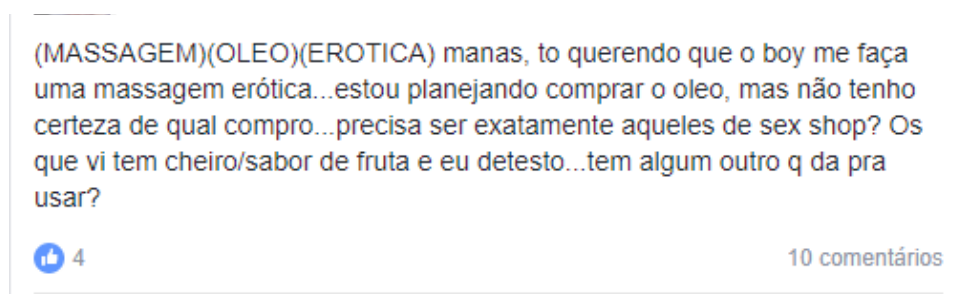
Fonte: Comunidade A, coletada pela autora.

A adesão encontrada na postagem da Figura 10 demonstra uma identificação das outras membras com o relato da autora da postagem. A forma espontânea e descontraída que a autora utiliza para relatar o furor provocado pela masturbação revela que, em nenhum outro espaço, ela poderia falar com tanta clareza sobre um assunto ainda escondido do mundo público. No trecho “*Nenhum homem, nenhum vibrador, nem euzinha mesmo sou capaz de fazer o que a duchinha faz*”, percebe-se a real espontaneidade do relato, pois em espaços de maior controle da sociedade, ela não poderia se expressar de forma tão livre sobre suas preferências. A popularização das lojas de produtos eróticos evoca a discussão sobre o público que frequenta e consome esse tipo de mercadoria. Muitas convenções sociais ainda classificam e penalizam a mulher que busca os meios de prazer nas lojas de produtos eróticos, entendendo como se a sexualidade da mulher também não possa ser expressa por estes meios.

A interação decorrente desta postagem é um total de 52 comentários, além de inúmeras respostas aos próprios comentários. O engajamento das outras participantes denota um laço dialógico forte, trazendo como ferramenta principal a identificação com o ato e com o relato. Dos 52 comentários, quarenta e sete são manifestações de afirmação e declarações sobre o uso cotidiano da ‘duchinha’, enquanto cinco comentários questionam como funciona este tipo de masturbação – sendo respondidos pelas demais membras, ensinando a técnica.

A Figura 12 demonstra a procura de uma membra por produtos que estimulem um desejo erótico, porém, consulta as demais participantes pois tem dúvidas de qual tipo de produto pode comprar.

Figura 12 – Indicação de produtos eróticos

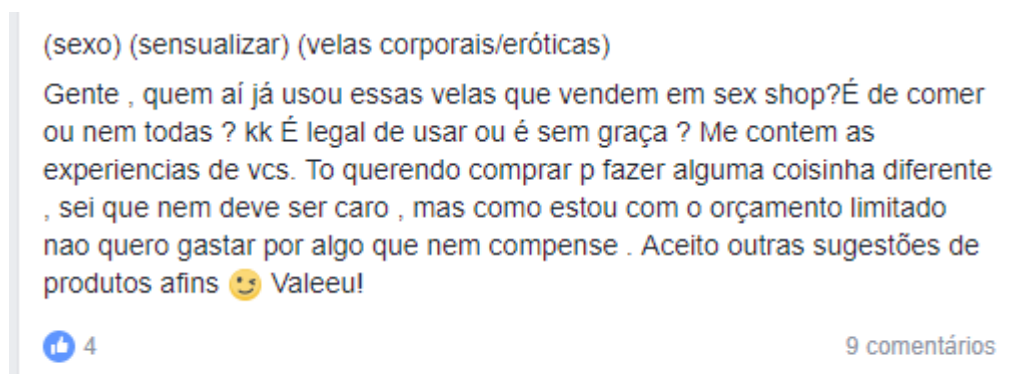


Fonte: Comunidade A, coletada pela autora.

A autora da postagem encontrou no grupo uma forma de sanar suas dúvidas sobre a compra do produto, pela certeza de que outras membras também já realizaram esse tipo de

compra e poderiam auxiliar com relatos, dicas e ideias. A Figura 12 mostra a mesma relação entre a autora da postagem e as participantes da comunidade:

Figura 13 – Experiências com produtos eróticos



Fonte: Comunidade A, coletada pela autora.

Tendo 10 e 9 comentários respectivamente nas postagens, os comentários seguem a linha de relato de experiências, em que as membras falam sobre os produtos já utilizados e quais suas percepções, além de compartilharem lojas para aquisição dos produtos.

Ao finalizar o entendimento das postagens por categorias, analisadas de acordo com seus discursos e contextos, é necessário apontar questionamentos a serem respondidos pelas análises: a) Quais os tipos de tabus expressos pelas participantes?; b) Entre os tabus encontrados, quais se assemelham e quais se diferem?; e c) A comunidade virtual é um espaço ideal para que sejam discutidos assuntos como esses?

Neste contexto, o primeiro questionamento fica evidenciado nos discursos de cada um dos dados coletados, pois todos eles trazem elementos que combinam o contexto entre o indivíduo e a sociedade e seus tensionamentos. Sendo o tabu conceituado como algo que não se pode transgredir, as sub-categorias de análise evidenciaram a presença de discursos que buscam livrar-se das amarras da sociedade. Os principais tabus encontrados já estavam em processo de normalização – ou seja, naquele espaço já não eram considerados assuntos “proibidos”. Dentro da comunidade, a palavra é espontânea e os tensionamentos vividos em sociedade se tornam ferramentas de discussão. Os tabus apresentados de forma direta e indiretamente, foram: corpo gordo e pressão estética; nudez; relação da mulher com sua vagina e seu sangue menstrual; sexo e sexualidade da mulher grávida; e masturbação com objetos.

Cada um destes temas agem de forma separada mas também podem ser fundidos em interpretações de contexto. Ao discutirmos os corpos e a pressão estética que sofrem, já estamos apresentando o problema de autoestima que desencadeia inseguranças em relação ao corpo desnudo. Ao mesmo tempo que a mulher se aproxima ou se afasta de suas relações com a vagina e o sangue menstrual, seu exercício da sexualidade quando grávida pode ser alterado. Ao falarmos de corpo, sexualidade e menstruação, neste trabalho, esperávamos que todos os assuntos se interligassem, pois são complementares e indissociáveis.

A rede social enquanto ferramenta de expressão tem sua importância pautada na primeira discussão deste trabalho: a dicotomia público e privado. Se por um lado a rede é pública, destinada aos mais variados usuários, de todas as partes do mundo, a privacidade encontrada nestes espaços de discussão, aqui chamados de comunidades virtuais, possibilita a participação espontânea de usuárias que se unem em prol de interesses comuns, que compartilham memórias e relatos e utilizam a rede como um grande diário: suas anotações pessoais que movimentam assuntos sobre o cotidiano da mulher em todas suas esferas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, pude observar de perto e de forma sistemática as interações ocorridas na comunidade virtual – local desta pesquisa. Com a linha norteadora de analisar os tabus e assuntos que de certa forma provocam polêmica no seio da sociedade, a pesquisa buscou evidenciar que espaços construídos de forma igualitária por mulheres, gerenciados e destinados para elas provocam um fenômeno que, em outras instâncias da sociedade, é sufocado: o de ser quem elas são, sem pudores, sem medos e sem classificações. Naqueles espaços, se sentem seguras para expressar suas dúvidas, inseguranças, e compartilhar histórias que suscitam identificações entre elas. Fica evidente, desta maneira, que a sociedade perpetua ideais e construções simbólicas acerca da mulher, ao mesmo passo que tenta lhe dar igualdade. As usuárias das comunidades estabelecem, dessa forma, espaços livres de discussão, sem hierarquias de gênero e com base no apoio mútuo e respeito. O bom humor com que as mulheres retratam seu cotidiano, problemas e desejos demonstra que o humor se torna uma ferramenta linguística utilizada para transcender barreiras que a sociedade constrói em torno dos tabus, do que é considerado proibido no corpo, na práticas sexuais e na menstruação.

Para encontrar a solução da problemática de pesquisa, foi necessário o acompanhamento sistemático da comunidade entre os meses de março e agosto de 2017, encontrando 932 postagens dentro das categorias escolhidas – Corpo, Menstruação e Sexo/Sexualidade. A partir destes dados, desenhou-se uma análise que permitiu entender de que forma as interações e discursos configuram tabus, como são questionados e/ou quebrados. Os discursos, relatos e situações apresentados e analisados podem ser categorizados em duas grandes áreas: a quebra de tabus; e os questionamentos de tabus. Na primeira categoria, a quebra de tabus é explícita e acompanhada de uma percepção emancipada, na qual a participante demonstra através do relato ou situação uma visão que não pertence ao senso comum. Na segunda categoria, os relatos são voltados aos pedidos de ajuda, dicas e experiências no sentido de se emancipar do senso comum, questionando tabus vigentes e buscando a quebra dos mesmos.

Para entender e identificar as categorias, foi necessário perpassar pelo cumprimento dos objetivos propostos pelo trabalho. Primeiramente, após a observação da comunidade, foi necessária a delimitação de temáticas a serem trabalhadas, relacionadas com corpo, menstruação, sexo e sexualidade. Estas temáticas foram selecionadas pois são assuntos que

provocam discussões importantes, principalmente na área da comunicação. Após a coleta dos dados, foi preciso identificar e mapear os principais sistemas de tabus e delegar funções a eles a partir dos seguintes questionamentos: Quais são os principais sistemas? Os tabus são reproduzidos? Os tabus são questionados? Os tabus são quebrados?

Dessa forma, ao respondermos o primeiro questionamento, identificou-se os seguintes tabus: gorda/engordamento, nudez, sangue menstrual, sexo na gravidez e masturbação feminina com ou sem objetos. A partir destes sistemas, observou-se as duas manifestações principais já comentadas: a quebra de tabus e o questionamento de tabus. Durante a pesquisa, não foram encontradas postagens e interações que reproduzissem tabus, pois em todos os casos houve a busca pela quebra, ou a quebra em si.

O trabalho também propôs a reflexão sobre a rede social, ou comunidade virtual, como uma ferramenta que possibilita a fala sobre assuntos considerados tabus, além da discussão entre o que é público e privado. Neste sentido, avalia-se a comunidade virtual como um meio de comunicação horizontal, em que ocorre um fenômeno interessante: o Facebook como rede social pública, é capaz de armazenar comunidades privadas que se constituem por livre decisão de usuárias e usuários, organizando-se de acordo com temas de interesse comum e tornando-se fontes das mais diversas interações e discussões. A “Comunidade A” é um espaço em que as participantes cultivam, através dos discursos e laços, a troca de informações, de experiências, a confiança mútua e o carinho. O reflexo desta construção é um espaço em que são permitidos questionamentos e reflexões que, em sociedade, seriam lidos como impróprios.

É importante salientar que, durante a fase de pesquisa, mais especificamente no mês de outubro de 2017, o Facebook desativou inúmeros grupos exclusivos para mulheres, alegando discurso de ódio. As denúncias foram feitas por outros usuários da rede, que utilizaram dos Termos do Facebook e Padrões de Comunidades para denunciar a violação às regras de convivência. Alguns grupos foram reativados, outros excluídos. O episódio demonstra a necessidade da discussão sobre o papel da mulher em sociedade, assim como seu direito de se organizar privado e publicamente, social e politicamente.

Dessa maneira, a pesquisa conseguiu alcançar seus questionamentos iniciais, que pautavam o entendimento e o mapeamento de tabus expressos dentro da comunidade, bem como analisar o grupo como forma de troca de informações entre as mulheres. Para além destes objetivos, o trabalho busca evidenciar os temas discutidos, principalmente no que tange o corpo, o sexo e a menstruação, por entender a necessidade das discussões na área da

comunicação. Assim, espera-se contribuir com o panorama atual das pesquisas em comunicação, instigando novos trabalhos com estas temáticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABOIM, Sofia. Do público e do privado: uma perspectiva de gênero sobre uma dicotomia moderna. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 1, p.95-117, jan. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2012000100006/21853>>. Acesso em: 28 ago. 2017.

ADRIAO, Karla Galvão; MENEZES, Jaileila de Araujo; SOUZA, Leyllyanne Bezerra de. Mulheres e homens jovens: gozos e interdições, poder e desigualdades. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 29, 2017.

AMARAL, Adriana; NATAL, Geórgia; VIANA, Lucina. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. **Famecos**, Porto Alegre, n. 20, p.34-40, dez. 2008.

ANGELI, Daniela. Uma breve história das representações do corpo feminino na sociedade. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, maio 2004.

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. 353 p.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BAUMAN, Zigmunt. **Em busca da política**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

BURGER, Luciana; CASTRO, Alex; KENT, Naomi. **O Panorama das Redes Sociais na América Latina**. ComScore, 2017. Disponível em: <<http://www.comscore.com/por/Insights/Apresentacoes-e-documentos/2017/O-Panorama-das-Redes-Socias-na-America-Latina>>. Acesso em: 09 out. 2017.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

CORDOVIL, Daniela. O poder feminino nas práticas da Wicca: uma análise dos "Círculos de Mulheres". **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 23, n. 2, p.431-449, ago. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2015000200431&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 out. 2017.

CORREIA, Maria de Jesus. Sobre a maternidade. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 16, n. 3, p.365-371, set. 1998.

DUROZOI, Gérard; ROUSSEL, André. **Dicionário de Filosofia**. 5. ed. Campinas: Papirus, 1993. Tradução Marina Appenzeller.

ECO, U. (Org.). **História da beleza**. Rio de Janeiro: Record, 2004. Tradução de Eliana Aguiar.

FELITTI, Karina. **El ciclo menstrual en el siglo XXI. Entre el mercado, la ecología y el poder femenino**. *Sex., Salud Soc.*, Rio de Janeiro, 2016, n.22, p.175-208.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo**. Petrópolis: Vozes, 2003.

GOLDENBERG, Mirian. O corpo como capital: para compreender a cultura brasileira. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p.115-123, jul. 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HINE, Christine. *Virtual Ethnography*. London: Sage, 2000.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e modernidade**. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2012. Tradução de Fábio dos Santos Creder Lopes.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2007. Tradução de Sonia M.S. Fuhrmann.

LE MOS, André. **Cibercultura como território recombinante**. 2006. Disponível em: <https://edumidiascomunidadesurda.files.wordpress.com/2016/05/andrc3a9-lemos-cibercultura-como-territo3b3rio-recombinante.pdf> . Acesso em 10 set. 2017.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999. 260 p.

MALYSSE, Stéphane. Um ensaio de antropologia visual do corpo ou como pensar em imagens o corpo visto? In: LYRA, Bernadette; GARCIA, Wilton (Org.). **Corpo & Imagem**. São Paulo: Arte & Ciência, 2002. p. 67-74.

MIRANDA, José Bragança de. **Corpo e Imagem**. São Paulo: Annablume, 2011. 186 p.

NATANSOHN, L. Graciela. O corpo feminino como objeto médico e “mediático”. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 2, p.287-304, maio 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X200500020005/7821>>. Acesso em: 03 ago. 2017.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da Puc-SP**, São Paulo, v. 10, p.7-28, dez. 1993. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>>. Acesso em: 03 out. 2017.

OKIN, Susan Moller. Gênero, o público e o privado. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p.305-332, maio 2008. Tradução: Flávia Biroli. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2008000200002>>. Acesso em: 06 ago. 2017.

PAIVA, Sabrina Pereira; BRANDAO, Elaine Reis. **Silêncio e vergonha: contracepção de emergência em drogaria do Rio de Janeiro**. *Rev. Estud. Fem.*, 2017, vol.25, n.2, pp.617-636.

PERROT, Michelle. Os silêncios do corpo da mulher. In: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel (Org.). **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora Unesp, 2003. Cap. 1. p. 13-27.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira. **Enfoques e desfoques no estudo da interação mediada por computador**. In: Intercom 2003 - Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2003. Acesso em 09 Out. 2017.

PRIORE, Mary del. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011. 254 p.

QUADROS, Amanda Maciel de; MARCON, Karina. Os conceitos de Público e Privado nas Redes Sociais e suas implicações pedagógicas. **Espaço Acadêmico**, Maringá, v. 14, n. 160, p.68-77, set. 2014. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/issue/view/924>>. Acesso em: 17 set. 2017.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RHEINGOLD, Howard. **A Comunidade Virtual**. Lisboa: Gradiva, 1996.

RIBEIRO, Moneda Oliveira. A sexualidade segundo Michel Foucault: uma contribuição para a enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da Usp**, São Paulo, v. 33, n. 4, p., dez. 1994.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. A memória e o mundo contemporâneo. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; FREIRE FILHO, João; HERSCHMANN, Micael (Org.). **Entretenimento, Felicidade e Memória: forças moventes do contemporâneo**. São Paulo: Anadarco, 2013.

SARDENBERG, Cecília M. B.. De sangrias, tabus e poderes: a menstruação numa perspectiva sócio-antropológica. **Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p.314-344, 1994. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16215>>. Acesso em: 14 maio 2017.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SIBILIA, Paula. **Os diários íntimos na Internet e a crise da interioridade psicológica**. 2003, Rio de Janeiro.

SOIHET, Rachel. **Condição Feminina e Formas de Violência**. Rio de Janeiro: Forense, 1989.

SOTER, Sofia. **Para sempre Cassandra: o mito da histeria feminina**. 2015. Disponível em: <<http://www.revistacapitolina.com.br/para-sempre-cassandra-histeria-feminina/>>. Acesso em: 21 maio 2017.

TRINDADE, Wânia Ribeiro; FERREIRA, Márcia de Assunção. **SEXUALIDADE FEMININA: QUESTÕES DO COTIDIANO DAS MULHERES**. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, set. 2008.